

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Talvez uma App



aps ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE SEGURADORES

Título: Talvez uma *APP*

Coleção: Seguros e Cidadania

Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2020: APS2020

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores

Ilustrações: Júlio Ramos

Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro

Tiragem: 2000 exemplares

ISBN: 978-989-54248-2-5

Depósito Legal n.º 474377/20

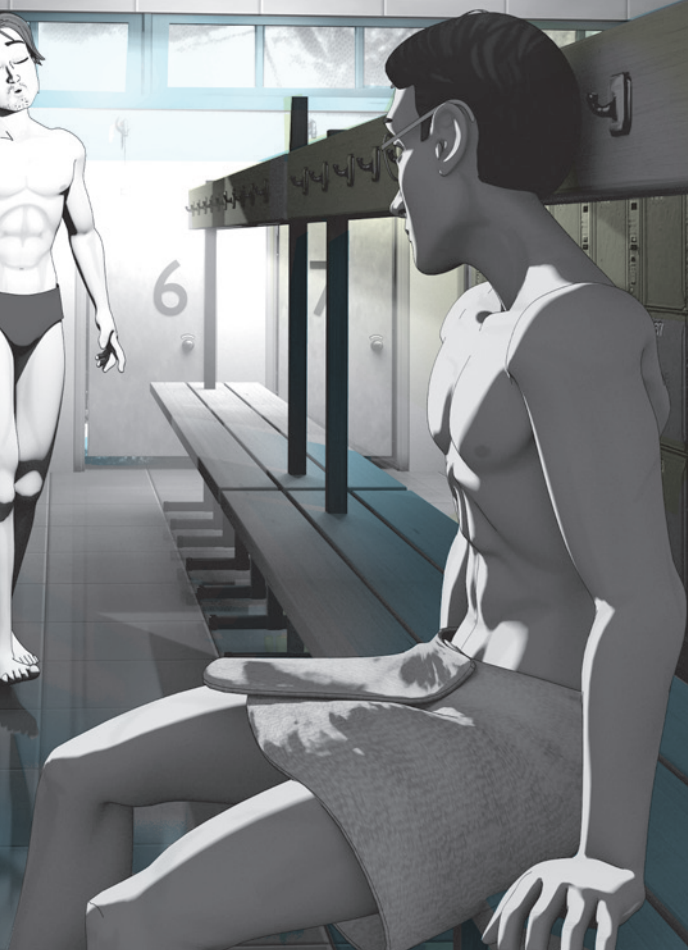
1.ª edição – outubro 2020

Talvez
uma *App*

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Talvez uma *App*

Capítulo 1



Festa surpresa

O pavilhão, recente e bem pensado, oferecia todo o tipo de espaços para todo o tipo de desportos, incluindo piscina e balneários esplêndidos. Mas àquela hora de mais afluência para os treinos de natação, os duches eram insuficientes. Mário esperava a sua vez, quando num dos cubículos alguém começou a cantar ópera em altos berros. Surpreendido, voltou-se e deu de caras com o Manel Ricardo que acabava de sair da piscina e ria.

- É o Alexandre. Tem a mania da ópera, desde que entrou para a Escola de Música ficou obcecado e até tem uma voz fantástica.
- Não digo que não, podia era ir cantar noutra sítio.

- Estás com pressa?
- Na verdade nem por isso.

Dois cubículos contíguos vagaram em simultâneo, cada um entrou no seu. A cantoria continuava, sobrepondo-se ao ruído dos jatos de água, ao chinelar sobre o chão húmido, ao burburinho próprio de gente em trânsito. Quando terminou com uma nota longa, Manel perguntou para o lado:

- Vais logo à festa, Mário?
- Qual festa?
- Da Margarida.
- Não sei de nada.
- Mande-te um sms.
- Só que não recebi.
- Eu já te digo tudo.

Mário fechou a torneira e dirigiu-se à zona dos cacifos onde, enquanto se esfregava com um enorme toalhão turco verde-escuro, ficou a saber que o amigo preparava uma festa de anos surpresa para a Margarida Tavares.

- No bar Giuseppe. Mande mensagens à malta toda e pedi ao Giuseppe que arranjasse um bolo com vinte velas.
- Ele arranja?
- Espero que sim.
- Marcaste para que horas?

- Onze. Vou buscá-la depois do jantar a pretexto de irmos beber um copo. Quando der por ela estamos a cantar-lhe os parabéns a você. Foi boa ideia, não achas?
- Mas é estranho que no dia em que faz vinte anos não tenha programa nenhum.
- Pois não, coitada. É uma miúda impecável, gosto imenso dela e fez-me pena vê-la com a neura.
- À conta de quê?
- Não me disse. Para tentar animá-la, perguntei o que fazia nos anos. Como tinha resolvido jantar em casa calmamente, convidei-a para tomar um copo depois do jantar e organizei tudo. Mande-te um sms — repetiu —, como é que não recebeste?
- Mudei de telemóvel, tenho outro número.
- Ah! Bom, agora já sabes, aparece.
- Apareço, até logo.

O bar que ultimamente aquele grupo elegera como local preferido de encontro estava sempre a abarrotar, nas sextas e sábados à noite tornava-se irrespirável e a clientela espalhava-se pelo passeio em frente, ocupando também o retângulo de relva de jardim mais próximo, que a Câmara tivera o cuidado de equipar com contentores destinados a plásticos e vidros.

O dono do bar nunca abandonava o seu posto, era ele que abria as portas e também ele que as fechava, sendo sempre o último a sair.

Baixote, gorducho, bonacheirão, teria talvez sessenta anos, certamente a maior parte dos quais vividos em Portugal, pois falava português sem sombra de sotaque e as interferências de língua materna limitavam-se a duas palavras que a clientela já repetia por graça, «prego» se queria dizer por favor, «permezzo» se precisava de pedir licença para passar entre as mesas sobrelotadas.

Naquela noite, Mário foi o primeiro do grupo a chegar. Não vendo nenhum dos amigos, sentou-se ao balcão e pediu uma cerveja. A pouco e pouco, os outros foram chegando, mas já passava da meia-noite e não havia sinais de Manel Ricardo ou de Margarida.

- Está-me cá a parecer que a festa foi pelo cano — disse alguém.
- Porquê? Achas que ela não quis vir?
- Talvez. Se anda com a neura, se calhar não lhe apeteceu.
- Isto de festas surpresa é arriscado.

Por volta da uma da manhã apareceu finalmente Manel Ricardo, sozinho e com uma expressão de desconsolo quase infantil que todos lhe conheciam.

- Então?
- Fiasco completo. Afinal a família veio do norte de propósito, o jantar prolongou-se, liguei-lhe várias vezes, foi sempre adiando e acabou por me aparecer à porta a dizer que desculpasse, mas que lhe doía a cabeça e não queria sair.
- Disseste-lhe que tinhas uma festa preparada?
- A... dei a entender, não serviu de nada.

Os olhos claros, quase transparentes, derramavam aquele tipo de desilusão que apetece compensar. Rodearam-no com as frases óbvias na ponta da língua «**não tem importância**», «fazemos noutra altura».

Giuseppe vira-o chegar e apressou-se a ir buscar o bolo e plantou-lho na frente, todo satisfeito. Coberto de chantilly, com um M desenhado a chocolate e vinte velas acesas, deixou toda a gente consternada. Por instantes fez-se silêncio, Manel gostaria de se eclipsar, valeu-lhe uma rapariga que se juntara ao grupo há pouco tempo.

- O meu nome também começa por M, Madalena, e também faço vinte anos. É só para a semana, mas gosto de festejar com antecedência. Cantem os parabéns para mim e depois comemos o bolo, está bem?

Empoleirara-se num dos bancos de costas para o balcão e de frente para eles. Não era especialmente bonita nem

particularmente elegante, mas naquele momento os amigos do Manel apaixonaram-se todos por ela.

De regresso a casa, Mário encontrou a irmã mais velha na sala com uma das insónias que a atormentavam com frequência desde que decidira pôr fim a uma relação de dois anos que parecia bem-sucedida. Pela enésima vez, sentiu-se tentado a forçar confidências, pela enésima vez foi obrigado a recuar devido à estratégia adotada pela irmã, que consistia em evitar perguntas fazendo ela várias em catadupa.

— Então, Mário? O teu e-mail continua mudo? Nenhuma das empresas te responde?

— Até agora, nada.

Sentara-se no sofá em frente, disposto a fazer-lhe companhia e com uma leve esperança de que finalmente desabafasse. Não tinha sono, podia esperar o tempo que fosse preciso.

— Quantos currículos mandaste?

— Sete.

— E se enviasses mais uns quantos?

— A quem?

— Vou pensar nisso e depois faço-te uma sugestão. Mas olha lá, chegaste a ir à seguradora falar com a minha amiga Joana?

- Fui, sim. Recebeu-me muito bem, mas foi logo dizendo que não estão a admitir pessoal. Em todo o caso, ficou com o currículo e prometeu contactar-me na primeira aberta.
- É fixe, a Joana.
- Pois é. Não me desagradaria trabalhar ali, mas se não precisam de pessoal, nada feito.
- Não desanimes, Mário.
- Tenho tentado não desanimar, só que acabar o curso e não conseguir emprego em parte nenhuma é uma seca.
- Eu sei.
- Tu ao menos, não tens esses problemas.

Lançara-lhe o isco, a ver se respondia «não tenho esses, mas tenho outros» e abria a porta ao esclarecimento que lá em casa aguardavam com impaciência. Em vez disso, a irmã ergueu as sobrancelhas de tal forma que quase se juntaram sobre o nariz e encarou-o de frente, para sem palavras transmitir uma mensagem claríssima: podemos falar de tudo menos do meu problema pessoal.

- O.K. Manuela. Vou-me deitar.
- Até amanhã.

Embora não sofresse de insónias, ficou imenso tempo estendido na cama, a olhar para o teto, com o pensamento



dividido entre dois polos: a irmã, a quem habitualmente tudo corria bem, mergulhada na mais profunda tristeza por ter tomado uma decisão que ninguém entendia. O amigo Manel Ricardo, a quem habitualmente tudo corria mal, por ser incapaz de estruturar as suas múltiplas e constantes iniciativas, e a quem uma desconhecida livrara de embaraços naquela noite.

Duas personagens, dois casos que em nada se assemelhavam, mas que o absorviam com igual intensidade. De olhos



abertos, sem no entanto ver o que tinha na frente, analisava-os alternadamente.

Por que motivo a irmã teria posto fim à relação com o Zé Maria, médico recém-licenciado como ela própria, inteligente, interessante, agradável, com quem sempre parecera entender-se tão bem? Manuela nunca na vida embalara em questiúnculas fúteis, não era de amuos, nem de parvoeiras. Se rompera, o assunto era sério. Mas que assunto? Gostavam um do outro, andavam tão entusiasmados a programar

a decoração dos gabinetes da clínica, que ele herdara do tio, já se falava em datas possíveis para o casamento e de repente, sem mais nem menos, acabara o namoro? Bom, sem mais nem menos era força de expressão porque Manuela não dava um passo sem pensar muito bem no seguinte. Por isso mesmo, até à data, não tinha tido de que se queixar.

Ao Manel Ricardo, pelo contrário, não faltariam razões para se lamuriar da pouca sorte, dos azares sucessivos, dos fiascos em série. Todos ou quase todos por culpa dele, que depressa esquecia o último projeto fracassado para se concentrar numa outra ideia tão boa e promissora que não podia falhar.

A persiana mal fechada projetava tiras de luz na parede do quarto, que flutuavam se passassem carros na rua. Uma moto a grande velocidade e de escape aberto quebrou o silêncio com autênticas explosões de ruídos metálicos que não duraram mais do que um minuto ou dois, mas sobressaltaram e indignaram as pessoas que estavam a dormir e acordaram. Quanto a Mário, que continuava acordado, sentiu por fim a pontada do sono e abriu a boca num longo bocejo. Enquanto se acomodava, vieram-lhe à ideia cenas passadas no bar com Manel Ricardo. O bolo. O desconsolo. A intervenção pronta e oportuna daquela Madalena com quem apenas

se cruzara uma vez e que agora lhe aparecia numa imagem muito nítida. Olhos pequenos, nariz curto, boca fina. Nem bonita nem feia, mas atenta, generosa, rápida.

«Talvez valha a pena conhecê-la melhor», pensou, antes de adormecer.

Capítulo 2



Popularidade

Madalena vira a sua popularidade disparar em flecha, o que é sempre agradável, mas também atrapalha e geralmente desencadeia umas quantas experiências ácidas. A primeira foi logo no dia seguinte, quando por acaso se encontrou com uma tal Marina com quem só estivera em duas ou três ocasiões, sempre no meio de imensa gente. Parecera-lhe simpática, afinal encaixava no tipo de pessoa que o pai classificava como «portadora de inveja e desenvergonhada», pois pelos vistos ficara a roer as unhas por não ter sido ela a lembrar-se de salvar a face do Manel Ricardo e, em vez de disfarçar, fizera comentários cínicos e reveladores de mente pouco limpa.

«Esquece», dir-lhe-ia o pai se soubesse do caso, «Há pessoas com quem não vale a pena perder tempo, e se não vale a pena perder tempo, convém evitá-las.»

Era exatamente isso que tencionava fazer, mas ainda não conseguira bani-la do espírito, nem a ela nem aos instantes em que de súbito e devido a uma atitude espontânea brilhara diante do grupo. E não conseguira porque os novos amigos não deixavam. Alguns, e sobretudo algumas, tinham-na felicitado logo lá, com gestos e piscadelas de olho e trejeitos de aprovação. Outros deixaram para depois e enviaram-lhe mensagens tão curtas e sóbrias que se poderiam tomar por incompletas, ou em código. «Auguri» fora a escolha do Zé, que desde que passara férias em Itália fazia questão de testar os seus conhecimentos de italiano com o dono do bar. Também não faltara quem a desafiasse a aparecer no café, na pizzeria, no largo onde terminadas as aulas com frequência se reuniam à conversa. E tinha sido engraçado verificar que para alguns era fácilimo repescar o assunto, fazer um elogio breve e falar de outra coisa, mas para outros, talvez por serem tímidos ou inseguros, ou mais sensíveis, se limitavam a transmitir-lhe o seu aplauso numa troca de olhares cúmplices.

Tudo gostaria de contar em pormenor à sua maior amiga de sempre, a admirável Guida, Guidinha, Guiducha,

que sabia ouvir, comentar, opinar com a mais absoluta sinceridade, e com a mais completa imparcialidade e que, além de tudo o mais, era uma das poucas pessoas que sabia ser capaz de guardar um segredo se lhe pedissem. Tinha-a na sua frente, à mesa do café, a beber sumo de manga e à espera do prometido relato, sem manifestar impaciência. Pequeninha, magrinha, parecia muito mais nova do que realmente era. E então assim, de cabelo cortado muito curto, com aquelas pestanas excessivas para os olhos miúdos, e os estranhos sinais que lhe carimbavam o queixo, facilmente seria tomada por rapariga no início da adolescência que tivesse feito um assalto à caixa das maquilhagens da mãe. Puro engano, porque Guida era já mulher feita e começava até a evidenciar-se como estilista de primeira. A roupa que trazia vestida, original e confortável, tinha sido desenhada por ela. Enfim, talentos e qualidades não lhe faltavam, a paciência era uma delas, mas talvez se estivesse a esgotar porque lhe perguntou.

— Então? Estás pronta para me contar tudo e mais alguma coisa ou preferes que fique para outra vez?

Ia a responder, quando Mário entrou no café. Vendendo-as a um canto, acenou-lhes, hesitou, mas não resistiu e aproximou-se.

— Estão à espera de alguém ou há lugar para mim?

Guida ensaiava uma desculpa, Madalena cortou-lhe a palavra.

— Há lugar para ti, sim.

Ele sentou-se, ela fez as apresentações, lancharam juntos. Palavra puxa palavra, acabou por ser o Mário quem relatou a cena que ainda animava conversas, não poupando elogios a Madalena.

— Foste fantástica, Madalena. O Manel estava completamente desorientado, nenhum de nós reagiu a tempo, foste mesmo fantástica.

— Já a vi fazer muitas cenas do género — disse a Guida antes de engolir o resto do sumo. — Ela não só é rápida como é basicamente de reação instantânea.

Sorria, Mário sorriu também, agradado com a companhia daquelas duas. Madalena, à luz do sol, talvez fosse mais bonita do que na obscuridade e usava um perfume leve, muito suave. Guida, franzina e delgada, com aqueles tufos de pestanas e os sinais gémeos que lhe marcavam a face, parecia uma boneca, feita por alguém sem grande jeito para fazer bonecas. E aí é que estava a graça. Se pudesse teria continuado ali toda a tarde a conversar com elas, mas precisava mesmo de ir ao dentista.

- Estão livres, para combinarmos um jantar?
- Depende.
- De quê?
- De quando e onde.

Acertaram detalhes, quando por fim abandonou o café, Mário ia bem contente. Nenhuma delas lhe despertara paixões súbitas e incontroláveis, mas eram as duas atraentes e ótima companhia, tencionava aprofundar a relação com ambas.

«Depois, logo se vê o que acontece.»

*

O restaurante onde tinham marcado encontro estava na moda, não havia mesas livres, puseram a hipótese de ir comer a outro lado, mas como foram aparecendo amigos e conhecidos, acabaram por ficar à espera, conversando animadamente com uns e com outros. De início, Mário lamentou a confusão que lhe impediria aproximações amigáveis às duas raparigas que desejava conhecer melhor. Depois foi-se deixando envolver na onda dos debates sobre *fake news*, intercaladas de anedotas ou piadas recolhidas na internet e adiou o que preparara para aquela noite. Quando finalmente se sentou foi numa mesa composta por várias mesas que os empregados, embora estafados, armaram em U

para que pudessem sentar-se todos juntos. Ou melhor, ligados entre si por tampos de madeira, pois tantos e tão espalhados, só poderiam comunicar com quem estivesse ao lado ou em frente, e mal, devido à gritaria a que eram obrigados para se fazerem ouvir. Por azar, Madalena fora empurrada para a outra ponta da mesa, quase nem a via. Guida ficara em frente, mas desviada, inacessível. Era tarde, morria de fome, atirou-se às entradas que lhe puseram a jeito. Os mais próximos, igualmente famintos, deram tréguas, e ele pôde contemplá-la à distância, desta vez, porém, menos impressionado pela face do que pela túnica que trazia vestida, que era fora do vulgar.

«Se foi ela que a desenhou, realmente tem jeito», pensou, já de mão estendida para o prato. «Não tarda, temos estilista».

O ambiente era alegre, a comida boa, as sobremesas divinais, ninguém tinha pressa de ir embora para desespero dos empregados. Não vendo sinais de debandada, começaram a arrumar tudo e a apagar algumas luzes. Só então pediram a conta, aliás as contas, o que retardou a saída.

Mário foi um dos primeiros a levantar-se e quando transpunha a porta deu de caras com o Manel Ricardo que vinha a entrar, na esperança de que fechassem mais tarde.



Como lhe disseram que àquela hora já não serviam refeições ficou desesperado, mas apenas por breves instantes.

— Paciência. Hei de encontrar alguma coisa aberta por aí.

Acompanhava-o um rapaz que Mário não conhecia e que Manel lhe apresentou de forma bizarra.

— Lembras-te daquele tipo que cantou ópera no balneário da piscina?

— Lembro-me só da voz, porque não cheguei a vê-lo. És tu?

— Não, sou o irmão.

— Ah!

— Dois músicos — informou Manel com visível entusiasmo —, mas com gostos diferentes. Aqui o Renato não canta ópera, mas toca vários instrumentos e sobretudo faz ele próprio músicas, que são um estoiro.

A malta dispersava, Madalena e Guida tinham-se aproximado, ficaram só eles os cinco em pé, no passeio, a ouvir Manel, que desatou a falar-lhes de um projeto que tencionava concretizar a curto prazo, com o apoio de Renato. Parecia ligado à corrente elétrica, não se calava nem deixava o outro falar.

— Desculpa, mas assim não percebemos nada. Explica-te, mas mais devagar e sem atropelos.

— Está bem, recomeço.

Renato mostrava-se pouco à vontade. Manel, de olhos faiscantes, rejubilava.

- Ora ouçam e depois digam se não é uma ideia excelente.

Capítulo 3



«Música ao Minuto»

A noite estava agradável, nenhum deles tinha pressa e como todos gostariam de acreditar no bom sucesso de mais uma iniciativa de Manel Ricardo, permaneceram ali mesmo, em pé, dispostos a ouvi-lo. E ele lá lhes explicou o que tencionava fazer.

- Vou abrir o meu próprio negócio, um bar diferente de todos os outros porque corresponde a um conceito inovador: «Música ao Minuto».

Sorria satisfeito e olhou-os, um por um, à espera da reação, e eles perplexos.

- Ao minuto?

- Sim. Aqui o Renato aceitou ser meu sócio, o que é ótimo, porque sem ele, nada feito.
- Encarrega-se da música?
- Vai tocar música ao vivo?
- Sim, mas não só. Ele é muito bom a improvisar, vai compor de improviso o que lhe vier à cabeça ao longo da noite e, em certos casos, até o que lhe pedirem.
- A sério?
- Sim.
- Isso não é nada fácil.
- Pois não. Só que música ao vivo é o que não falta por aí, não seria novidade e nós queremos uma coisa diferente, que chame a atenção para atrair malta e dar o pontapé de saída. Se conseguirmos que corra bem umas quantas noites, depois apostamos sobretudo em músicas que ele compõe em casa e apresenta no bar, ao vivo. As que agradarem mais vão para a internet e tenho a certeza de que em pouco tempo há de haver gente a fazer *downloads* em vários países do mundo.
- Tens mais certezas do que eu — atalhara Renato que, ou por se sentir inseguro, ou por não conhecer nenhum deles, mantivera uma atitude de reserva. Mas nada parecia capaz de abalar o Manel.

— Arranjei um espaço, querem ver?

Sacou do telemóvel, procurou as fotografias que tinha tirado e fê-las deslizar no ecrã. Os outros debruçaram-se sobre o ecrã, sem fazer comentários.

— Então?

— À primeira vista, não tenho opinião.

— Nem eu.

— Mas eu tenho. Não será pequeno demais para poder dar lucro?

— Seria, se não fosse num centro comercial, rodeado de lojas com pouco movimento, que portanto deixam o espaço comum quase só para mim.

— Quase, porquê?

— Porque no meio das lojas há um pequeno *take away* de comida vegetariana onde vai bastante gente. O que até dá jeito, porque são pessoas que apostam naquilo que é diferente. Se tudo correr bem, há de haver muitos clientes deles, aliás delas, porque as donas são raparigas, que passam a ser também meus clientes. E vice-versa.

Transpirava confiança, seria cruel fazerem-lhe perguntas que o perturbassem. No entanto, Mário, por ser verdadeiramente amigo dele, entendeu por bem alertá-lo para

o perigo que corria se o local não fizesse parte das rotas da vida noturna. E ficou estupefacto com a resposta.

- Quanto a isso, não te preocupes. O espaço que aluguei é naquele centro mesmo ao lado do bar do Giovanni.
- Queres fazer concorrência ao Giovanni?
- Não, que ideia! O Giovanni é uma referência, tão cedo não passa de moda. Por isso me convém estar perto. Nunca lhe falta clientela, em geral até sobra e é com essas sobras que estou a contar. Malta que já não cabe lá dentro e passa horas a beber e a conversar no passeio em frente. Alguns, nem que seja só para variar, hão de vir até ao meu espaço e depois, se gostarem, passam palavra e descem com outro grupo.
- Descem para onde?
- Para o Música ao Minuto.
- Então não é no centro comercial mesmo ao lado?
- É, mas no piso menos dois.

Continuava exultante, as raparigas evitaram trocas de olhares e Mário também. «Desastre à vista», pensavam todos, menos Renato que ainda se agarrava à esperança de que aquele projeto lhe abrisse portas no futuro.

Manel apercebera-se das reticências, mas interpretara-as como lhe convinha, ou seja, de acordo com uma per-

gunta para a qual tinha resposta. Apressou-se a apresentá-la.

- Não termos porta para a rua é um problema, que já resolvemos. Fizemos uns vídeos giríssimos para pôr nas redes sociais.
- E criámos uma *APP* sensacional.
- Criámos, não, Manel. Criaste tu. Eu não sou capaz de fazer nada desse género, o meu negócio é música.
- O.K. Mas a *APP* agora é dos dois e quem a instalar será logo encaminhado para o Música ao Minuto.
- Como? — perguntou a Guida.

Manel olhou o grupo como uma expressão triunfante. Retirou de novo o telemóvel do bolso e estendeu-o na direcção do Mário.

- Ora vejam.

A aplicação móvel tinha uma apresentação simples e era de facto atractiva. Apresentava os bares da cidade e recomendava o dele em segundo lugar.

- A nossa *APP* também permite ao utilizador saber onde é que há filas à porta e se se torna difícil entrar, fazer marcações para grupos, receber a confirmação da hora em que há lugares livres. É muito completa.
- Lá isso é.

— Não dizem mais nada?

Mário coçou o queixo para disfarçar a atrapalhão. Não queria ser desmancha prazeres, mas sentia-se obrigado a fazer-lhe um último alerta.

— E a renda? Vais pagar muito?

— Nem por isso. O espaço vagou há pouco tempo, fizeram-me um preço especial e aceitaram que em vez de pagar três meses à cabeça pagasse só dois. E não tenho mais despesa, porque a luz e a segurança estão incluídas.

— E o equipamento?

— Para a música, forneço eu — disse o Renato. — O resto tem de ser o Mário a comprar.

— E compro. Vocês vão ver como me desenrasco. Vou pedir um empréstimo. Agora tenho de ir andando porque morro de fome. Vens, Renato?

— Vou.

— Até breve.

Despediram-se e tomaram direções opostas.

— Querem que as leve a casa?

— Eu trouxe carro.

— Então levo a Guida. Anda!

Enfiou-lhe o braço e encaminhou-a para a rua onde estacionara, com toda a naturalidade. Aliás, talvez excesso



de naturalidade, pensou Guida que se interrogava sobre o tipo de relação que ele pretendia, pois ora a olhava como boa amiga ora como se pretendesse ir além de simples amizade.

«E eu? O que quero?»

Sentia-se incapaz de decidir. Não podia negar a empatia espontânea entre ambos. Não podia negar que ele impressionava por ser atraente e talvez ainda mais por se distinguir entre todos os outros, apesar de ser mais baixo do que a maioria. Apercebera-se disso com nitidez no restaurante, onde a distribuição de lugares pouco favorável não a impedira de o observar à socapa. E tivera oportunidade de confirmar as suas conclusões na conversa que se seguiu com Manel e com Renato, os dois do tipo atlético, junto de quem, em todo o caso, Mário se evidenciava como um farol. Agora tinha-o ali só para ela, de perfil, com as mãos pousadas no volante, atento à condução. Enveredara por um caminho que o obrigaria a mais umas quantas voltas para a levar a casa e ainda não abrira a boca. Porquê? Na verdade, preferia não saber. Ainda mal se conheciam, precipitações em geral dão asneira, seria disparate estragar uma relação promissora, mesmo que pudesse evoluir de maneiras distintas.

«Nem falo eu nem fala ele, e até no silêncio nos entendemos», pensou com um arrepio quando o carro entrou no largo onde morava.

— Até amanhã, Guida.

— Até amanhã.

Um gato vadio miou sobre o telhado do prédio da esquina, alguém ouvia música no rés do chão, o elevador chiou como de costume a lembrar que precisava de óleo, em casa dormiam, mas ela não tinha sono.

Capítulo 4



A inauguração

A inauguração do Música ao Minuto foi três semanas depois, o que surpreendeu os amigos de Manel, pois retocar as paredes, comprar móveis, montá-los, tratar das licenças e de muitos outros pormenores que sempre são necessários nestes casos, em geral demora mais tempo. Mas ele trabalhara dia e noite até à exaustão, com o apoio permanente de Renato e ajudas ocasionais de quem por lá aparecesse disposto a arregaçar as mangas. Mário tinha sido um deles, o problema é que não tinha jeito nenhum, e boa vontade para certos serviços não chega. Ainda assim aparecia, às vezes sozinho, outras com a Madalena ou com a Guida, essa sobretudo a horas mortas porque andava ocupadíssima

a esboçar modelos para várias finalistas do concurso de design de moda que lhe tinham pedido sugestões. O vai-vém de gente nova começara por despertar a curiosidade de donos e empregados das lojas do centro comercial, mas à medida que iam chegando pacotes que, como é óbvio, não podiam ser eliminados no mesmo instante, deram sinais de irritação. E quando souberam que naquele espaço funcionaria um bar, torceram o nariz. Manel e Renato procuravam fazer-se simpáticos, sem grande êxito, pois os lojistas mantinham uma atitude de reserva. Mário ouvira resmungos de passagem, junto da loja das toalhas turcas com iniciais ou com nomes bordados. Vendiam-nos alternadamente marido e mulher, já entradotes, mas despachados. Para lhes puxar pela língua comprou uma toalha de mãos com um M azul-escuro na borda para oferecer à irmã. Nesse dia quem estava de serviço era o marido, meteu conversa, acabou por ouvir o que esperava. «Esse bar só vai dar problemas.» Não disse mais nada nem era preciso. As mãos sapudas tinham-se tornado agressivas de roda do embrulho e quando aplicou a fita-cola fê-lo como se esbofeteasse a toalha.

Mário saiu dali preocupado e furioso consigo próprio porque oferecer à irmã um presente para a casa nova quando ela acabava de romper o noivado era uma estupidez.

«Paciência. Ofereço a toalha à Madalena. Mas a que propósito?»

Guida, no dia anterior, também ouvira resmungos na loja mais pequena do centro, onde uma senhora de idade indefinida, sempre muito bem arranjada, vendia compotas, chocolates e licores artesanais. Fora certamente bonita, restavam-lhe as feições corretas e os olhos luminosos na face escalavrada de expressão ácida. Pestanejara quando lhe perguntou se tinha compota de ameixa, respondendo em seguida que vendera todos os potes na véspera. E como não se mostrou disposta a mais conversa, Guida balbuciara uma «boa tarde» abafada e abandonara a loja, o que não a impediu de ouvir as reclamações contra o bar feitas a meia voz.

— Ainda por cima com música, acabou-se o sossego.

Estas e outras experiências semelhantes inquietavam-na a ela, à Madalena e ao Mário.

— Vai haver bronca e da grossa — comentavam entre si. —

Coitado do Manel que trabalhou tanto.

— E que se endividou.

— Quanto a isso, parece que teve juízo, pediu um empréstimo razoável.

— Que terá de pagar.

— Claro. Mas ao menos não exagerou.

— E até o geriu bastante bem.

De facto, Manel não embarcara em loucuras. Para os pequenos arranjos comprara materiais e tratara ele próprio de pintar, reparar, aparafusar. Desencantara móveis baratos numa grande superfície e fora também ele próprio a montá-los seguindo as instruções. E soubera decorar o espaço com peças baratuchas, engraçadas e inesperadas que contribuíam para criar ambiente. Se gabassem alguma, rejubilava.

— É gira, não é? Fica bem, não acham?

Uns dias antes da inauguração, Mário decidira apalpar terreno no restaurante vegetariano. As donas eram duas raparigas tão parecidas entre si que só podiam ser irmãs.

Altas, magras, morenas, de olhos castanhos polvilhados de pontinhos dourados e cabelo tipo crina de cavalo eram muito atraentes. E simpáticas também. Foi fácil abordá-las, porque o acolheram como se deve acolher novos clientes ou candidatos a clientes.

A conversa correu solta, Mário não resistiu a perguntar se eram irmãs. Nessa altura já estavam os três muito à vontade, elas insistiram que eram gémeas, mas na risota ele acabou por aceitar um pratinho com amostras dos três petiscos que lhe propuseram por apenas um euro. E assim se criou clima para que pudesse perguntar-lhes direta e

francamente se lhes parecia bem ou mal haver um bar ali no centro.

Dina e Lina tinham-se entreolhado antes de responder. Depois, ora uma ora outra, foram dizendo o que pensavam.

- Por nós tudo bem.
- Mas os outros lojistas não estão contentes.
- Têm medo que ponham a música aos berros.
- E que haja brigas.
- Ou bebedeiras.

Ele tentava serená-las, o que na verdade não era preciso.

- Por nós, tudo bem — repetira a Lina várias vezes. — Mas não vai resultar. — E explicou as suas razões: — Este centro é pacato. Quase só cá vêm os clientes habituais de cada loja, que não são do tipo que vai a bares.
- Nem os vossos?

De novo cruzaram um olhar de entendimento.

- Alguns talvez passem por lá a beber um copo.
- Mas basicamente o que a maior parte quer é comida vegetariana ou vegan para levar para casa.
- Contra nós falo, mas há gente que anda obcecada com a comida saudável, o exercício físico, enfim com a ideia de vidas alternativas.



VEGAN
Delights



- São a favor de imensa coisa e contra uma data delas.
- Sobretudo contra o álcool. Não bebem senão água, sumos e detox.
- É moda.
- Não sabemos se fica ou passa.
- Enquanto dura, aproveitamos.

Mário escutava-as, dividido entre sentimentos opostos. Por um lado, a tristeza. Sabia que elas tinham razão e confrangia-o pensar no desgosto que se perfilava no horizonte para o Manel e para o Renato. Por outro lado, a efervescência típica da atração física, desta vez não por uma mas por duas raparigas de olhos castanhos com pontinhos dourados com quem, achava ele, acabava de fazer amizade.

- Mais duas para a coleção. Realmente ainda não estou pronto para assumir compromissos.

Os dias foram passando, a inquietação foi crescendo, mas afinal, ao contrário do que recebavam, a inauguração do Música ao Minuto foi um sucesso, Manel enviara convites em barda, tinha posto os vídeos em várias redes sociais, fizera um enorme alarido em torno da *APP* que, conforme era de prever, encantara os donos de todos os bares que faziam parte da lista. Tivera ainda o cuidado de

ir falar pessoalmente com Giovanni para lhe explicar que de modo nenhum queria prejudicá-lo, que a ideia era acolher uns quantos clientes para quem ele já não tivesse lugar e insistira em convidá-lo a ir brindar com ele na noite da inauguração. Além disso, pedira à Guida que desenhasse um logótipo e que imprimisse vários convites em papel para distribuir em todas as lojas do centro.

O esforço foi recompensado, por uma vez Manel teve a sua noite de glória, e Renato também, porque apareceu imensa gente curiosa e ansiosa por se divertir. Mário estivera com eles todo o tempo. Chegara antes de abrirem as portas e só saiu depois de as fecharem, cedo demais porque o horário do centro era muito rígido, não permitia exceções nem em dias de festa.

- E foi pena — comentaria depois com a Guida.
- Estava animadíssimo. Se continuasse assim até de madrugada, o Manel tinha mais umas horas para viver o seu sonho.
- Horas. Estranho, não achas?
- O quê?
- Que alguém invista tanto tempo, tanta energia, tanto dinheiro num projeto destinado a manter-se por algumas horas.

- Hum... não é inédito. Acontece por exemplo nos casamentos.
- Hã?
- Nas festas de casamento — explicitara Guida com aquele risinho maroto que lhe iluminava a face — as pessoas estafam-se à procura do sítio ideal, da decoração perfeita, dos pormenores originais que se hão de tornar inesquecíveis. Escolhem músicas, escolhem flores, escolhem menus. Perdem um tempo infinito a experimentar vestidos e toucados. Gastam pipas de massa e depois? Horas depois de terem começado acabou tudo e para sempre, não é?
- Pois é — respondera o Mário entre perplexo e divertido —, mas há uma diferença abissal. Quem organiza uma festa de casamento sabe que é só por um dia. O Manel, coitado, julgou que iniciara um negócio promissor.

Passeavam juntos à beira do rio, prosseguiram durante um bom pedaço, sem vontade de falar. A tarde caía lenta, a água apresentava um tom de azul invulgarmente belo, três veleiros pequenos regressavam à marina, apetecia-lhes imenso sentirem-se bem ali, mas nem um nem outro conseguia afastar para longe o desconforto e a

tristeza que os invadira quando, na noite anterior, tinham procurado o Manel e o encontraram desolado no Música ao Minuto.

— Estamos às moscas — declarara assim que os vira. — Isto afinal não está a dar. Ou só deu para uma festa.

Renato limitara-se a abrir os braços em sinal de impotência.

— Vamos ter de fechar, porque as pessoas vieram, viram e desistiram.

— Não tornou a aparecer ninguém?

— Quase ninguém. E os poucos que passaram por cá depois da festa, só passaram uma vez. Estou entalado, não sei o que hei de fazer.

— O melhor é fechares — aconselhara Mário. — Entrega a chave ao senhorio e diz que desistes.

— Se desisto já como é que pago o empréstimo?

— Não sei, Manel. Se quiseres ajudo-te a encontrar uma solução. Mas a primeira coisa a fazer é fechar, porque se não o fizeres a dívida cresce.

— Também tens razão.

Renato, certamente para aliviar o ambiente pesado, lembrara o que tinha corrido bem.

- A *APP* foi um êxito, sabem? Está imensa gente a usá-la.
- Para ir a outros bares, mas ao meu não vêm. Não tenho sorte nenhuma.

Desesperado, pontapeara um banco, antes de lhes pedir.

- Vamos embora, vamos todos embora. Amanhã falamos, hoje não estou capaz.

A voz tornara-se rouca, nos olhos brilhava o mais completo desalento, perceberam que precisava de ficar só.

- Está bem, Manel. Amanhã falamos.
- E conta connosco para te ajudar. Ainda não sei como, mas há de haver maneira de resolver isto.

A intenção era boa e sincera, mas na verdade ainda não tinham conseguido descortinar uma solução para a embrulhada em que ele se metera.

- Aconselhaste bem, Mário. Ele tem de fechar o mais depressa possível.
- Já fechou. Disse-me hoje de manhã.

Num gesto mais fraterno do que romântico enfiou-lhe o braço e continuaram caminhando lado a lado.

- Não é justo, sabes? Porque o Manel tem ideias, toma iniciativas, trabalha que se mata e no fim corre-lhe tudo mal. Realmente, não tem sorte.

- Sabes porquê? Porque toma iniciativas por impulso, sem ponderar as circunstâncias. E assim as coisas só funcionam por milagre.
- Talvez. Mas também lhe falta sorte.
- O que lhe falta é alguém que o oriente porque de facto tem ideias boas e competências invulgares, não sabe é organizar-se. Precisa de um sócio.
- Também serve um amigo?

Capítulo 5



Troca de impressões

A troca de impressões viria a continuar mais tarde com a irmã, a quem Mário encontrou de novo só e abatida. Em parte para a distrair, em parte para desabafar, contou-lhe tudo. Manuela ouviu e fez perguntas, de tal maneira que ele acabou ironizando.

- Parece que estamos num consultório e tentas não te enganar no diagnóstico.
- Deformação profissional — respondeu-lhe com um esgar meio sério, meio sorridente —, sem reunir todos os elementos não te posso dar uma opinião.

Na verdade, Mário não esperava opiniões ou conselhos, mas também não lhe desagradaria ouvi-los.

— Continuas sem perspectivas de emprego?

A pergunta surpreendeu-o.

— Sim. Até agora, nada.

— Nunca mais viste a Joana?

— Ver, não vi. Telefonei-lhe e recebeu-me bem, mas ainda não há novidade por aquelas bandas.

— Isto está complicado, sim.

Fitavam cantos diferentes da sala, cada um entregue ou talvez mesmo perdido nos seus pensamentos, mantiveram-se em silêncio até ao momento fatal em que o desconhecido do costume atravessou o bairro e assarapantou os moradores com os estrondos ruidosos da moto em que viajava a grande velocidade e de escape aberto.

— Estes tipos, francamente.

— Não sei como é que a polícia não faz nada.

— Não faz, porque a estas horas não está ali à esquina para o multar.

— O, ou a. Pode ser uma rapariga.

— Duvido.

— Porquê? Passas a vida a reclamar igualdade de género e quando te apresento um possível caso, apressas-te a negá-lo?

Na brincadeira, afivelara uma expressão severa, pensando que ficariam por ali, mas a irmã permaneceu imóvel, com os braços apoiados nos braços do sofá e pediu que lhe explicasse de que modo ele tencionava ajudar o Manel Ricardo.

— Ainda não sei. Ando a guardar dinheiro há imenso tempo para a viagem dos meus sonhos, já tenho bastante, posso emprestar-lhe algum, não achas?

Em vez de responder pegou no assunto por outra ponta.

— Até onde te leva o sonho?

— À China. E não é para uma semaninha Lisboa-Pequim. Tenho planos para um mês de férias.

— Nesse caso, juntaste uma boa maquia.

— Juntei. Mas estou disposto a adiar.

— Também podes encurtar, não?

— Como?

— Ou vais menos tempo ou não vais tão longe e ajudas o teu amigo.

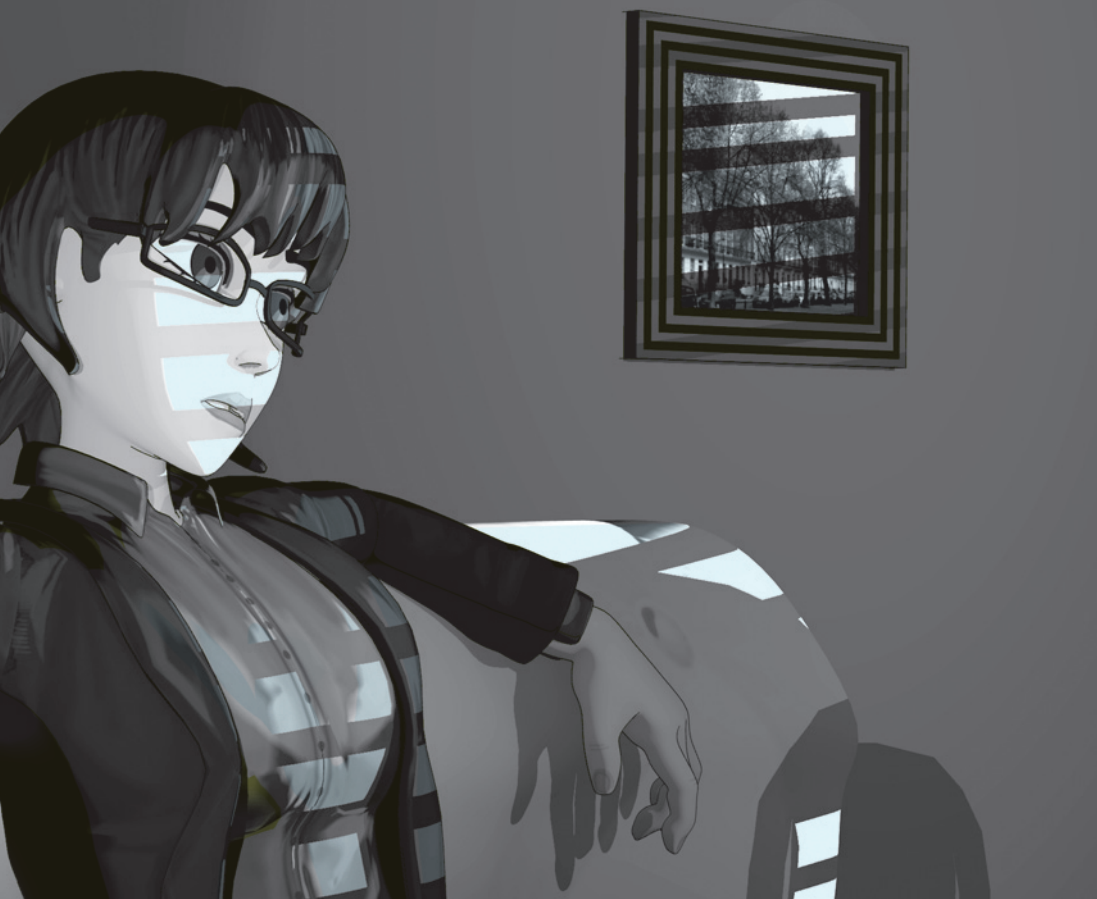
— É uma hipótese.

— Mas emprestares dinheiro pura e simplesmente não me parece que seja o melhor.

— Porquê?



- Porque ele não tem como pagar.
- Então faço o quê?
- Há várias possibilidades. Uma delas é convencê-lo, por exemplo, a criar mais *APPs* que interessem às pessoas, ou se possível às empresas. Hoje em dia esse tipo de atividades pode abrir rumos.
- Não é má ideia. Mas ele ficou tão em baixo, que talvez não se sinta inspirado.



- Talvez. No entanto já provou que é criativo e a criatividade não se evapora com o primeiro fracasso. Tenta animá-lo. Conversa com ele, falem à toa, passem em revista isto e aquilo, deixa-o fantasiar à vontade e depois vai eliminando o que te parecer que não vale a pena e encorajando o que considerares promissor.
- Fácil de dizer, difícil de pôr em prática, Manuela. As APPs só dão resultados financeiros quando são

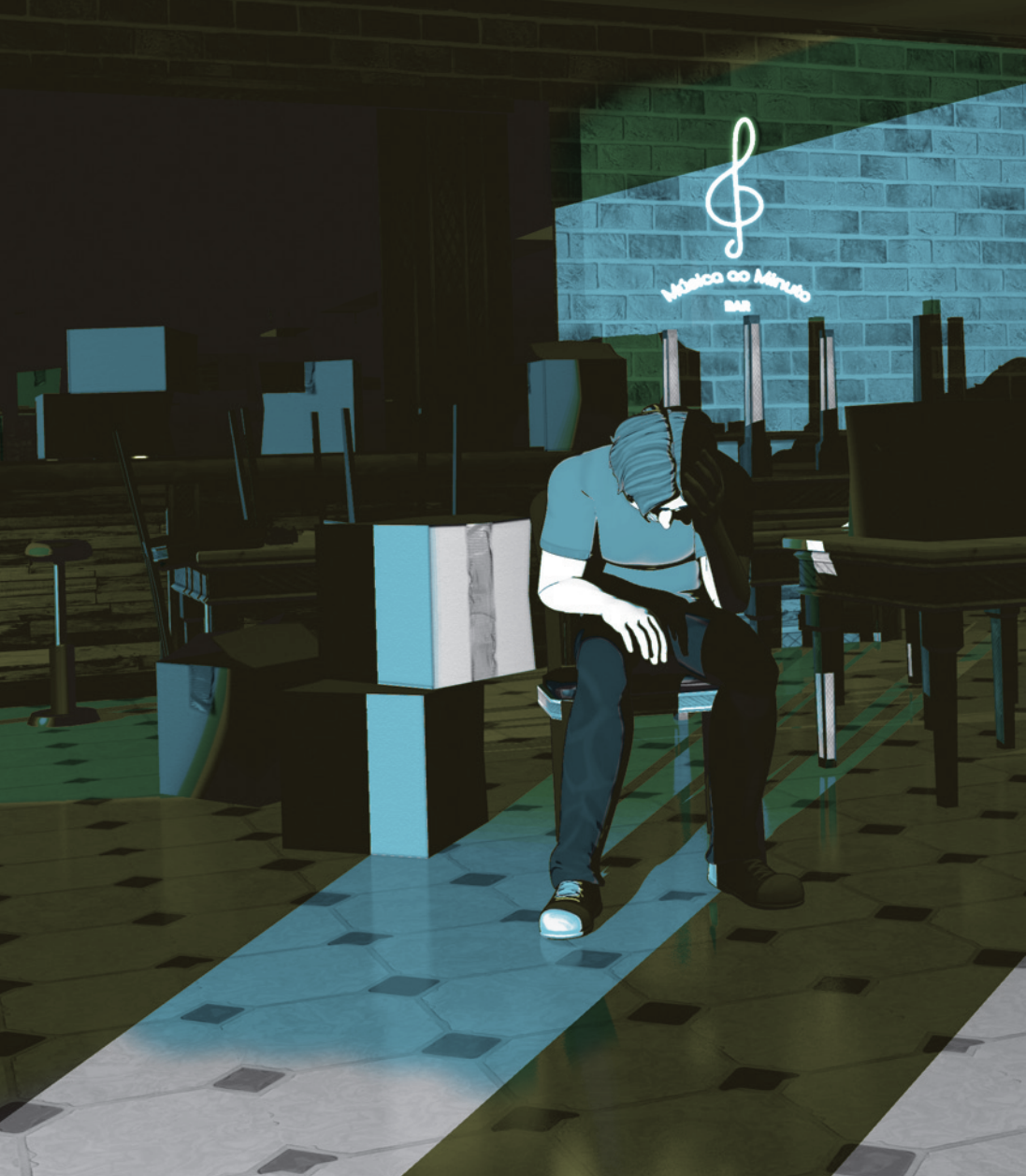
descarregadas por milhares de utilizadores e, para acertar em cheio no que mobiliza muita gente, é preciso talento.

- Que género de talento?
- Primeiro, talento para definir o grupo alvo, porque criar *APPs* que interessam a crianças e são descarregadas pelos pais é uma coisa, mas criar *APPs* que cativam malta nova é outra. Com as empresas acontece o mesmo. O que interessa a um banco não interessa a uma seguradora, o que é importante e útil para uma cadeia de restaurantes não serve de nada a um grupo editorial.
- Continua, Mário.
- Continuo?
- Sim!
- Bom, *APPs* associadas à proteção de casas e carros são completamente diferentes das que estão associadas por exemplo à identificação de problemas de saúde, ou ao controlo dos passos que uma pessoa dá por dia para saber se fez exercício.
- Como é óbvio. Já percebi que és mesmo a pessoa indicada para apoiar o Manel Ricardo porque o assunto *Apps* não te é estranho e equacionas os problemas com

grande clareza. Prepara-te para assumir o papel de conselheiro.

- Achas que consigo?
- Acho que sim. Basta quereses.
- Tens-me em alta conta.
- Até tenho, Mário, sempre foste sensato e o que o teu amigo precisa acima de tudo é de sensatez.
- Tem graça, sabes? A Guida é da tua opinião. Disse-me que os problemas do Manel se resolviam se tivesse um sócio para o orientar.
- Quanto a sociedades, não te precipites. Começa por lhe oferecer apenas orientação e apoio. Depois logo se vê.

Capítulo 6



Desilusão!

Encontrar Manel Ricardo foi fácil, falar com ele nem por isso. De mangas arregaçadas e expressão feroz, desmontava o seu bar com uma precisão e uma violência assustadoras. Quando viu o Mário aproximar-se, acenou-lhe e continuou a empilhar tábuas e a dar indicações breves e secas aos ajudantes, que eram Renato e uma rapariga magrinha, de feições regulares, que devido à ligeira proeminência do lábio superior lembrava um animalzinho simpático.

— Cuidado, Zilda! Vê o que estás a fazer!

A cena, que se repetiu duas ou três vezes em poucos minutos, permitiu-lhe tirar algumas conclusões, sendo a

primeira muito simples: entre Manel e Zilda existiam laços fortes. Seriam irmãos? Primos? Amigos íntimos?

A maneira como se relacionavam despertou-lhe a curiosidade, deixou-se ficar a observá-los através do vidro.

Renato ia desmontando, empilhando e encaixotando peças sem prestar grande atenção às indicações do amigo, que aliás, para ele, se limitava ao essencial. Zilda, pelo contrário, esforçava-se por seguir à risca tudo o que o Manel queria e ele, em vez de se mostrar agradecido, impacientava-se e gritava-lhe com e sem motivo. A agressividade gratuita contra quem queria apenas ser útil começou a irritá-lo, esteve vai não vai para interferir, se não o fez foi porque as reações dela o impediram. Reações estranhas, pois nem reclamava nem ameaçava ir embora e a carinha de esquilo, pois era a um esquilo que se assemelhava, assumia uma expressão demasiado complexa para se interpretar à primeira tentativa. Mas acabou por perceber, ou julgar perceber que se compunha de parcelas distintas, algumas das quais até contraditórias: submissão, desconforto, tristeza a par de um inexplicável prazer.

O desmantelamento do bar ia chegando ao fim, faltava apenas fechar umas quatro ou cinco caixas Manel fez um telefonema, pouco depois apareceram os homens da empresa de mudanças que começaram imediatamente a

empilhar tudo numa espécie de grande tabuleiro com rodas. Só então Manel foi ao seu encontro. Esfregava as mãos dori-das uma na outra, encolheu os ombros, endereçou-lhe um olhar que metia dó.

— Pronto. Acabou mais depressa do que começou.

Renato e Zilda mantinham-se a uma certa distância, obviamente dispostos a acompanhá-lo, mas ele não quis.

— Não vale a pena. De qualquer forma, obrigado.

Distribuiu palmadas nas costas e foi embora com o pessoal das mudanças.

Mário não sabia o que dizer, para dizer alguma coisa perguntou:

— Onde é que ele vai meter aquela tralha toda?

— Numa garagem — disse o Renato.

— A garagem de uns tios que estão para fora — disse a Zilda.

Ambos desolados, ansiavam sair dali, mas pareciam atarraxados ao chão.

— Querem tomar um café?

— Sim, pode ser.

Antes de se fazerem à escada lançaram um último olhar ao espaço onde Manel Ricardo enterrara a sua última fantasia, o seu sonho mais recente.

- Não lhe vai ser fácil recuperar disto. Há de levar tempo a recompor-se—comentou Mário já à mesa do café. Para seu grande espanto, Zilda abanou a cabeça negativamente.
- Estás enganado. O Manel atira-se de cabeça quando tem uma ideia, vibra, entusiasma-se, sofre se tudo correr mal, sofre imenso, mas nunca demora muito a atirar tudo para trás das costas.

Nos olhos castanhos brilhavam lágrimas teimosas, levou a chávena à boca, bebeu o café de um trago, colocou algumas moedas em cima da mesa e despediu-se.

- Tenho de ir andando, até à próxima.

Afastou-se quase em passo de corrida. Mário não resistiu e perguntou.

- Olha lá, Renato, quem é esta Zilda?

Ele franziu o sobrolho, fez uns trejeitos e encolheu os ombros.

- Que queres que te diga? É uma amiga do Manel, amiga de infância, vivem perto, andaram juntos no infantário, na escola, sei lá.
- Por que é que ele a trata assim?
- Assim, como?
- À bruta.

- Isso é mais difícil de explicar, só posso dar-te a minha opinião.
- E qual é?
- Amor não correspondido. Ela adora-o desde sempre, ele não a quer para nada.
- Mas soube pedir-lhe ajuda para desmontar o estaminé.
- Não deve ter pedido, tenho quase a certeza de que ela se ofereceu. Já te disse que vive perto, vive no mesmo prédio, por isso está sempre a par do que lhe acontece, nunca pede nada e oferece-se para tudo. O que em vez de lhe agradar o irrita.
- Em todo o caso aproveita-se.
- Como amiga, sim. É capaz de aceitar ajuda, de lhe pedir que o vá levar ou buscar aqui e ali, ou que lhe empreste o carro. Quanto a amores, népia.
- E ela não se cansa?
- Até agora não se cansou e contenta-se em vê-lo, ouvi-lo, fazer-lhe favores. Chegou a ir levá-lo à Figueira da Foz quando ele teve lá uma namorada.
- Que estupidez.
- Pois é. Tenho pena dela. E também tenho pena de que não encaixem, porque era a mulher que lhe convinha.

Sensata, paciente, talvez conseguisse impedi-lo de se meter em trapalhadas.

- Hum, não sei se alguém consegue.
- Se gostasse dela e a ouvisse tinha muito a ganhar. Só hoje é que eu soube que a Zilda estranhou as facilidades que o senhorio deu ao Manel, pôs-se a fazer perguntas e descobriu que nos espaços daquele piso menos dois já faliram várias lojas.
- E não lhe disse?
- Claro que disse, só que ele não ligou.
- Bom, amanhã vou procurá-lo. Tenho uma proposta para lhe fazer, veremos se me ouve a mim.

Separaram-se com a sensação de que, à conta do Manel Ricardo e das suas fantasias, tinham atropelado algumas das etapas habitualmente indispensáveis para estabelecer uma relação próxima e que já eram amigos. O que viriam a ter oportunidade de verificar no dia seguinte, em circunstâncias inesperadas.

*

Seriam umas onze e meia da manhã quando Mário ligou pela primeira vez para o Manel Ricardo. Não obtendo resposta, pensou que talvez tivesse tido uma insónia e ainda estivesse a dormir.

— Paciência. Tento mais tarde.

Ansiava falar com ele e, na medida do possível, aliviá-lo da aflição que certamente o atormentava. Mas as horas foram passando e o telemóvel do Manel, que de início ainda dava sinal, emudecera.

— Deve estar realmente no maior dos desesperos. Coitado!

À enésima tentativa frustrada, decidiu falar ao Renato, que o atendeu no mesmo instante. Também ele estava preocupado, propôs que o fossem procurar a casa e foram. Quem os atendeu estava rouco, ou rouca, pois mal se percebia se a voz no intercomunicador era de homem ou de mulher.

— O Manel não está, foi à praia.

Instintivamente olharam ambos para o céu, que se mantivera limpo até meio da tarde, mas começava a cobrir-se de nuvens pesadas, negras e roxas, a prometer chuva da grossa.

— Vem aí uma tempestade.

Renato acenou que sim, olhou em volta e, devido a uma súbita e pouco agradável associação de ideias, verbalizou a história que gostaria de esquecer mas sempre emergia e se impunha em dias de tempestade.

— Há dois anos uma amiga minha morreu fulminada por um raio, na praia do Guincho.



- Ho!, Renato!
- Desculpa, desculpa, não devia ter falado nisso. Mas é que foi horrível, sabes?
- Calculo.
- Ela andava a passear à chuva, em fato de banho, com as chaves presas no biquíni. O metal atraiu o raio.



— Que horror.

O silêncio instalou-se, a preocupação cresceu e adquiriu outros contornos. Ainda não se tinham afastado muito do prédio onde vivia o Manel, Renato propôs que tentassem saber dele através da Zilda.

— Se calhar foram juntos.

- Se foram, nada feito. Mas talvez ela esteja em casa e nos possa dizer a que praia é que habitualmente ele vai.
- Para irmos procurá-lo?
- Sim.

*

Enquanto Mário, Renato e Zilda davam largas à imaginação e concebiam enredos bastante criativos, que tinham como protagonista um Manel Ricardo infelicíssimo, correndo sérios riscos, ele equilibrava-se na sua prancha de surf, deliciado por se sentir em perfeita sintonia com o oceano, o que sempre lhe deixava o espírito livre de toda e qualquer preocupação. Tinha chegado cedo porque o dia amanhecera fantástico e vira, no site Windguru que o mar não podia estar melhor. Fizera-se ao caminho sem pensar duas vezes, fora uma das primeiras pessoas a pôr o pé no areal e não perdera tempo. Pouco depois e já integrado no movimento das ondas, deixou-se invadir pela paz interior que aquele desporto desafiante e solitário lhe proporcionava.

As horas foram passando, outros surfistas foram chegando e a praia encheu-se de gente que não dava tréguas aos banheiros porque todos queriam alugar toldos e a partir de certa altura já não havia nenhum disponível. Da crista da onda, Manel avistava pessoas a esbracejarem e deleitava-se

com a sensação reconfortante de ser alheio a todo e qualquer problema que se desenrolasse em terra. Talvez tenha sido isso que o levou a ignorar as advertências da natureza, pois continuou a fazer surf apesar das nuvens ameaçadoras que à tarde se foram acumulando no horizonte. Os primeiros chuviscos afugentaram quase toda a gente, mas a ele souberam-lhe bem. Depois levantou-se vento e o cântico das ondas transformou-se naquela espécie de rugido barulhento que não raro pronuncia mar desordenado.

Embora não lhe apetiesse, aceitou que chegara a hora de sair e saiu, por puro acaso, no momento exato em que um raio de luz brilhou sobre o compacto de nuvens roxas, logo seguido de trovões e de chuva forte. A única pessoa que ainda estava na praia era uma rapariga loira que, tal como ele, surfara até ao limite e agora corria em direção à zona dos bares para se abrigar. Foi atrás dela e com ela foi escorraçado dos três mais próximos porque os donos se preparavam para fechar.

— Vamos para o Mota — gritou ela com um inesperado à-vontade. — Anda!

Capítulo 7



À luz de velas

Os bares e restaurantes daquela praia funcionavam em choupanas de madeira, umas maiores, outras mais pequenas, todas pensadas para o verão, exceto a do Mota, que tinha lareira e se mantinha aberta o ano inteiro precisamente por causa dos surfistas. Ela conhecia o dono, que não estava lá, mas o pessoal acolheu-os com simpatia e deixaram-nos ficar porque tinham um problema a resolver na cozinha.

- E ainda demora, fiquem à vontade — disse o mais velho.
- Querem tomar alguma coisa? — perguntou o mais novo. — Se querem, escolham depressa porque tenho de ir ajudar lá dentro.

A tempestade engrossava, ventos em remoinho, faziam dançar as janelas, e trovões ribombavam cada vez mais ruidosos. Anoitecera, raios sucessivos iluminavam momentaneamente a atmosfera, emprestando um certo ar de fim do mundo ao areal, agora castanho, e ao mar, que se erguia em ondas desencontradas. De súbito, um relâmpago fulminante atravessou o céu de uma ponta à outra, o ar ficou cheio de faíscas, explodiram uns quantos trovões e explodiu também a eletricidade, ou seja, ficaram sem luz.

Na cozinha barafustaram, mas eles riram.

— Que noite, hã?

— Fabulosa!

Um dos empregados precipitara-se para o quadro da eletricidade, outro apareceu na sala com fósforos, acendeu as velas que estavam enfiadas no gargalo de três garrafas e explicou.

— Isto às vezes acontece, mas já se resolve.

— Não se preocupem. Estamos bem.

E estavam. A luz ténue e tremeluzente pusera um toque romântico no ambiente, sentiam-se fortemente atraídos um pelo outro, sendo ambos surfistas tinham muito em comum, que mais podiam querer? Talvez silêncio, pois embora não lhes faltasse assunto, a chinfrineira de trovões entrecortada

pelas pancadas, os estrondos e o retinir de metais, resultantes dos arranjos que se faziam na cozinha, não facilitava a conversa. Mas nada os impedia de se observarem.

— Ainda não me disseste o teu nome. Como é que te chamas?

— Zínia.

— Zínia?

— Sim. Porquê o espanto?

— Por ser invulgar.

— Invulgar aqui. Vulgaríssimo na terra da minha avó paterna.

— O Brasil?

— Claro.

Uma última sucessão de estrondos interiores e exteriores impediu-os de continuarem a falar por alguns instantes.

Ela olhou lá para fora, Manel aproveitou para a observar de perfil, a ver se percebia por que motivo a cara daquela miúda que acabava de conhecer lhe parecia familiar. Seriam os olhos? O nariz? A boca? Ou seria a expressão que se assemelhava à de alguém muito próximo?

Evocou mentalmente as amigas de todos os dias e concluiu que nenhuma se podia comparar com a surfista de olhos cor de avelã, nariz achatado e boca grossa que um

temporal súbito e medonho lhe pusera no caminho. De repente, porém, apercebeu-se de que a chave do «enigma» estava no lábio superior, ligeiramente avançado sobre o inferior, como o da Zilda. A expressão era muito diferente, mais viva, mais interessante, mas quando estava séria e calada lembrava a outra.

— Ou será ideia minha?

A dúvida levou-o a desejar vê-las lado a lado, e não é que viu mesmo? Tinha parado de chover, as nuvens sosse-garam, já não se ouviam trovões, o céu clareava e a própria lua entrou em cena vitoriosa pouco antes de Mário, Renato e Zilda irromperem pelo bar do Mota a sacudir os chapéus de chuva e a chamar por ele.

— Manel! Ó Manel!

Contentes e obviamente aliviados, chegaram-se à mesa onde estava sentado com a Zínia e rodearam-nos. Zilda ficou em pé, por trás dela. Num relance, pôde confirmar que havia de facto semelhanças no lábio superior. E foi a última coisa que o divertiu, pois na presença dos três amigos, que estavam a par dos seus problemas, não podia alhear-se como o fizera desde manhã. Ainda que não falassem de nada, e certamente não fariam diante de uma estranha, a presença deles devolviam-lhe de uma assentada tudo o que

acontecera e preferia esquecer. O mal-estar invadiu-o, tentou disfarçar.

- Como é que me encontraram aqui?
- Foi fácil, vimos o teu carro estacionado lá fora, só havia luz neste bar, pensámos que podias estar cá dentro.
- Ah!
- Não querem sentar-se? — perguntou a Zínia. — Puxem cadeiras.
- A esta hora valerá a pena?
- Vale, porque os empregados estão a arranjar não sei o quê lá dentro, não podem ir embora.
- Talvez até gostem de nos servir alguma coisa, não?
- Talvez. Vou perguntar.
- É melhor ir lá eu, porque me conhecem.

Zínia levantou-se, os outros aproveitaram a pausa para se justificarem.

- Estávamos preocupados contigo.
- Fomos procurar-te à praia onde costumas ir, como não te encontrámos demos por aí umas voltas.
- Quando começou a chover metemo-nos numa pastelaria.
- Já íamos embora, mas a Zilda quis dar mais uma volta e foi então que vimos o carro.

— Ah, sim.

Zínia regressava da cozinha, Mário perguntou em voz baixa.

— Quem é esta?

— Uma surfista. Conheci-a hoje.

Os recém-chegados já tinham percebido que, por amizade e na melhor das intenções, tinham ido criar embaraços ao Manel. O mais sensato seria ir embora, mas depois de tanto se terem afligido a procurá-lo estavam cansados e a precisar de uma bebida. Além disso, entrarem ali de roldão e porem-se imediatamente ao fresco não fazia sentido, cairiam no ridículo. E como da cozinha saiu também um empregado de bandeja em punho com bebidas e tigelas cheias de batatas fritas, azeitonas, amendoins e outras coisas do género, deixaram-se ficar. Mário, para evitar que viesse à baila qualquer assunto relacionado com os problemas financeiros do Manel, pôs-se a fazer perguntas sobre o surf. Na verdade, não lhe interessava nada saber fosse o que fosse, mas pensou que assim evitava constrangimentos. Em vez de interpelar o Manel, virou-se para a Zínia.

— Já pratica surf há muito tempo?

— Desde os onze anos. E tornou-se uma paixão.

Sorria, satisfeita por ter interlocutores dispostos a ouvi-la, e não esperou pelas perguntas seguintes.

— É uma sensação inebriante...

— Cavalgar as ondas? — arriscou Zilda.

— Para cavalgar é preciso um cavalo — respondeu com ironia mas sem antipatia. Em todo o caso, na atitude de quem se quer afirmar como elemento de um grupo que tem as suas especificidades.

Renato, para evitar que o ambiente azedasse, disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— As melhores ondas são as da Nazaré, não são?

— Não. As melhores são as do Havai.

— Pois. Mas referia-me a Portugal.

Quem lhe respondeu foi o Manel.

— As da Nazaré são espetaculares.

— Vocês já lá foram fazer surf?

Zínia e Manel cruzaram um olhar rápido antes de se explicarem.

— À Nazaré não pode ir qualquer pessoa que saiba usar uma prancha.

— Ai não?

- Não. Só podem ir os craques.
- E tem que se integrar numa organização que inclua equipas de resgate e pessoas que fiquem nas rochas a vigiar, para darem o alerta se as coisas correrem mal.
- Porque as ondas são realmente gigantescas.
- Ah!

O desequilíbrio absoluto entre quem sabe tudo a respeito daquilo de que se fala e quem não sabe absolutamente nada, em geral não proporciona conversas agradáveis. E ali, ainda por cima com duas raparigas interessadas no mesmo rapaz e um assunto delicado, que vários ansiavam por abordar mas tinham de calar, a conversa não fazia sentido. Zilda, coitada, esforçava-se mais uma vez por engolir os ciúmes. Mário dava voltas à cabeça a fim de encontrar uma explicação plausível para desandarem. Renato comia e bebia aplicadamente tudo o que o empregado lhes pusera na mesa, com a vaga sensação de que não tardaria a ver a cabana a andar à roda.

Curiosamente, Manel e Zínia não largavam o tema e, ou não se apercebiam de que ninguém lhes prestava atenção ou pura e simplesmente falavam um para o outro sem se importarem com a assistência. Através do diálogo que mantiveram, Mário ficou a saber que a costa atlântica portuguesa



é excelente para a prática de surf porque entre a costa leste da América e Portugal não há obstáculos, de modo que as ondas que se formam por lá, à medida que avançam pelo oceano, vão ganhando energia. E quando não há vento o mar avança sobre a terra em ondas de crista perfeita, e que, de madrugada, como o vento sopra de terra, o mar fica ordenado o que é ótimo para o surf.

Começava a interessar-se, não porque tencionasse experimentar, mas para poder introduzir esses dados quando fosse oportuno e impressionar quem o ouvisse, pois sempre achara graça surpreender. Também se inteirou de que a esmagadora maioria dos surfistas respeita um código implícito que define prioridades, ou seja, regras para se entrar nas ondas evitando riscos de choques ou atropelos, o que lhe pareceu correto. Ficou a saber também que há sites destinados a informar como estão as ondas, e que alguns até exibem o mar em várias praias do mundo.

No meio daquilo tudo o que mais o espantou foi ouvi-los dizer que o surf é o único desporto que depende totalmente das condições naturais e atmosféricas. Todos os outros desportos podem praticar-se nas mais variadas circunstâncias. Joga-se futebol ao sol e à chuva. Não havendo neve, há quem faça esqui em pistas cobertas de neve artificial. Nada

impede que se jogue básquete num pavilhão desportivo em dias de tempestade. Nadar, nada-se no mar, no rio, em piscinas ao ar livre ou em piscinas cobertas. Mas fazer surf só é possível se o mar estiver de feição. Sem ondas não há surf. Sob condições atmosféricas adversas também não. Simples e óbvio. Se se espantou, foi por nunca ter pensado nisso.

Levantara-se para ir à casa de banho e, quando passou diante do espelho, em vez da própria imagem o que viu foi as quatro caras que tinha na mente. Zilda, triste e amargurada. Zínia com aquele olhar vivo e atrevido que só por si fazia dela uma mulher atraente. Manel desligado de tudo menos do chamado «momento que passa». Renato constrangido com a situação.

«Como será que isto acaba?», pensou. «Que virá a seguir?»

Distraído, voltou a carregar na mola que lhe despejava nas mãos um sabonete líquido azulado, de odor indefinido, e esfregou mais uma vez os dedos antes de os colocar por baixo da torneira, que teve de abanar para que deitasse água. Não decidira ainda o que havia de fazer mas quando regressou à sala foi surpreendido pela alteração radical das circunstâncias. Porque Manel continuava sentado à mesa, mas sozinho e dos outros nem sinais.

- Onde estão? — perguntou, olhando em volta.
- Foram embora.
- Assim, sem mais nem menos?
- Suponho que uns por mais e outros por menos.
- O que é que queres dizer com isso?

Manel bebeu o que restava no copo, encolheu os ombros e explicou-se, evitando olhá-lo de frente.

- A Zilda disse que lhe doía a cabeça e que ia para casa.

O Renato fez questão de a acompanhar e foi com ela.

- E a outra?
- A Zínia?
- Que eu saiba, não estava aqui mais nenhuma.
- Pois não.
- E?
- Recebeu um telefonema que a desatinou. Despediu-se à pressa e zarpou a acelerar.

A ausência do grupo e a partida intempestiva da miúda que certamente muito contribuía para lhe permitir que pairasse durante algumas horas acima da dura realidade, tinham tido um efeito devastador. Quem ali estava, de braços cruzados sobre o tampo da mesa, já não era o surfista despreocupado que partilhava com gosto o que sabia sobre as ondas e as praias. Esse desaparecera, no seu lugar

encontrava-se o azarado de sempre a precisar de apoio com urgência, de apoio e de uma palavra amiga. Sentou-se na frente dele, debruçou-se também sobre o tampo da mesa, cruzou os braços e informou no tom mais sereno, sério e afirmativo que conseguiu:

- Vou ajudar-te e até pensei num esquema, mas tem de ser repensado e aperfeiçoado pelos dois.

Manel fez menção de responder, Mário travou-lhe a palavra.

- Ouve primeiro, falamos depois.

Capítulo 8



Ideias soltas

A tempestade amainara, já não havia nuvens no céu, o mar cantava baixinho a melodia reservada às noites amenas de verão.

- Está-se bem aqui — tinha dito o Manel para dizer qualquer coisa.
- Pois está, mas agora, por favor, cala-te para eu apresentar o meu plano.

A entrada inoportuna de um empregado obrigou Mário a suspender o discurso.

- Algum problema?
- Não. Os problemas da cozinha estão resolvidos, vamos fechar, têm de ir embora.

— Ainda não pagámos.

A cara do rapaz abriu-se num sorriso largo.

— Eu sei. Por isso agradecia que pagassem. Querem a conta junta ou separada?

— Junta — disse o Mário, já de carteira em punho. — Eu pago. Mas olhe lá, podemos ficar sentados na esplanada mais um bocado?

— Fiquem o tempo que quiserem. Não contem é connosco para enxugar as cadeiras porque estamos exaustos.

— Com certeza.

— Então até à próxima.

— Boa noite.

O rapaz voltara à cozinha, e eles mudaram-se para a esplanada onde finalmente Mário pôde expor ao amigo o que tinha planeado para o ajudar. De início, não foi fácil, porque ele tentava interrompê-lo a cada frase.

— Espera — pedia. — Deixa-me acabar e depois conversamos.

Tanto insistiu, que Manel se remeteu ao silêncio e escutou-o, olhos nos olhos, com uma expressão de grande desalento. Quando Mário lhe passou a palavra, recostou-se na cadeira, fitou o céu estrelado por um instante, encolheu os ombros e abanou a cabeça.

- Então? Que dizes?
- Que agradeço. És um tipo impecável e eu fico grato. Mas não posso aceitar que me emprestes o dinheiro porque não tenho maneira de te pagar.
- Calma, Manel. Ouve o resto. Já te disse que não preciso de ser reembolsado com urgência. Posso esperar. Mas as coisas só correm bem se me deixares analisar a papelada contigo para vermos qual é a quantia necessária para os pagamentos indispensáveis a curto prazo. E, em princípio, será essa quantia que te empresto. Ou seja, se puder, entendes? Quanto ao resto, vamos negociar com os credores. Pedir que te deem tempo.
- Para quê?
- Para ganhares algum. E antes que me perguntes como eu digo-te qual é a minha ideia.
- Queres que procure emprego?
- Isso podes sempre fazer e caso apareça ótimo. Mas enquanto não arranjas nada há outras hipóteses. Criaste aquela *APP* para as pessoas marcarem mesa nos bares, não criaste? E houve imensa gente que gostou e aderiu, não foi? Então esse é um caminho possível.
- Criar *APPs*?
- Sim. Tens conhecimentos para o fazer, pode funcionar.

- Ó Mário! Sabes perfeitamente que as *APPs* só rendem quando há milhares de pessoas a utilizá-las.
- Pois sei. Por isso não estou à espera de que acertes logo à primeira e fiques milionário em pouco tempo. Espero é que penses no assunto, inventes, experimentes.

A sugestão era de molde a seduzir um sonhador como Manel. Àquela hora, porém, moído como estava e depois do ter passado por tantos e tão diferentes estados de espírito, não lhe ocorria nada que pudesse eventualmente vir a dar resultado. Pestanejou, olhou em volta, decerto para o mar, mas só se via a praia que o luar, associado a uma camada de névoa muito fina, envolvia em claridade leitosa. Num primeiro relance, os paus dos toldos hirtos e alinhados em fileiras regulares despertaram-lhe imagens mentais relacionadas com formações militares em mundos alternativos. Mas logo a seguir como que ganharam cor e movimento, pois devolveram-lhe as cenas a que assistira de manhã, magotes de gente a barafustar com os banheiros porque todos queriam sombra e não havia toldos livres.

- Se eu criasse uma *APP* para as pessoas alugarem toldos e cadeiras de praia antes de saírem de casa?

Mário não ficou admirado ao ouvi-lo. Conhecia-o há muito, sabia que daquela cabeça brotavam ideias em

cascata, que em certos casos redundavam em disparate, mas noutros, se bem equacionadas, podiam resultar.

— É uma hipótese. Há praias em todo o mundo, se tiveres êxito, talvez daqui a algum tempo haja turistas no Algarve, na Indonésia, em Bali e em muitos outros sítios a reservar toldos, espreguiçadeiras, almoços e drinks com a tua *APP*.

— Achas?

— Não é impossível. Como vês, já tiveste uma ideia, e hás de ter muitas mais.

Levantou-se, espreguiçou-se, bocejou.

— Agora, vamos embora.

— Onde é que tens o carro?

— Estacionei ao pé do teu ali em cima. Anda.

Percorreram o areal em silêncio, convencidos de que o programa daquele dia, que se estendera pela noite dentro, chegara ao fim. Mas na zona do estacionamento, esperava-os a mais desagradável das surpresas.

— O meu carro? — balbuciou o Mário agarrando-se à esperança vã de afinal não o ter deixando ali. — O meu carro?

No sítio onde horas antes encontrara um espaço para estacionar sobrava isso mesmo, o sítio, que ele fitava desolado e revoltado.

— Roubaram-me o carro!

Nunca antes lhe acontecera nada de parecido, apetecia-lhe gritar, berrar, o que seria inútil, esmurrar o ladrão, o que era impossível. Manel não ficara menos transtornado e perscrutava o retângulo vazio em busca de vestígios que fornecessem pistas para identificar os ladrões, o que só aconteceria por milagre.

— Forçaram a janela — murmurou, apontando um montículo de vidros partidos.

— Temos de ir à polícia participar o roubo.

— Eu levo-te. Deixa-me só amarrar a prancha no tejadilho.

Mário continuava de olhos postos no chão onde, em vez de um simples lugar vazio, lhe parecia ver um buraco sem fundo. Tinha comprado aquele carro há pouco tempo, e andava satisfeitíssimo porque escolhera bem, custava-lhe a aceitar a evidência, mas não teria outro remédio, ficara sem carro.

— Vamos?

Acenou que sim e instalou-se ainda meio zozno.

— Tens seguro? — arriscou o Manel.

— Tenho, claro.

— Cobre o roubo?

— Felizmente, sim.



- Nesse caso, se o carro não aparecer o seguro dá-te dinheiro para comprares outro, não é?
- Julgo que sim. Mas há um período de espera, creio que são dois meses para ver se a polícia o encontra.
- Dois meses é bastante tempo. Tens direito a carro de substituição?
- Não sei se subscrevi essa cláusula.
- Oxalá.
- Pois.

A nenhum deles apetecia conversar, não disseram mais nada até entrarem na esquadra onde Mário foi apresentar a sua queixa. Naquele bairro nunca era fácil estacionar, Manel andara às voltas e só encontrara onde se encaixar num beco pouco convidativo e mal iluminado. Ainda assim deu jeito, pôde acompanhar o amigo. Na entrada da esquadra havia cadeiras, sentou-se e aguardou, fazendo deslizar no telemóvel fotografias de miúdas giras, bem como notícias e comentários que nunca faltam nas redes sociais.

Quando Mário se despachou, fez questão de o ir levar a casa e tentou animá-lo, sem grande êxito. De volta ao beco, os papéis inverteram-se porque depararam com outro roubo.

- A minha prancha! — quase gritou Manel no mais completo desespero. — Nem surf posso fazer?

Tal como Mário, que não desfitara o espaço vazio, ele não desfitava o tejadilho recusando-se a aceitar a perda.

— Bandidos! Bestas quadradas, bestas cúbicas...

Exaltava-se, berrava insultos, desatinava.

— Tudo me corre mal, tudo me corre sempre mal. Nunca tenho sorte em nada.

— Calma, Manel. Calma — repetia o Mário sem saber que argumentos usar para animá-lo, pois se quanto ao carro havia soluções no horizonte, relativamente à prancha não. A única solução era comprar outra e ele não tinha dinheiro.

Quando o diálogo se torna inviável, geralmente as pessoas preferem afastar-se e adiar a conversa. Foi o que fizeram. Manel conduziu o amigo até à porta, despediu-se com um aceno e rumou a casa, ansioso por ficar sozinho. Mário também desejava a solidão, mas encontrou a irmã tão triste, tão acabrunhada, que se sentiu na obrigação de a apoiar.

— Então, Manuela? Estás com insónias?

— Sim.

Voz embargada, olhos húmidos, devia ter estado a chorar. Se desabafasse, não seria melhor? Por que teimaria em engolir o desgosto que a sufocava?



«Vou fazê-la falar», decidiu, ainda sem saber o que dizer para lhe facilitar as confidências. «Não passa de hoje. Mas será preferível atacar de chofre com perguntas diretas ou criar clima e contar-lhe tudo o que aconteceu esta noite a mim e ao Manel?»



Não foi preciso arranjar estratagemas porque quando Manuela olhou para ele apercebeu-se de que estava disposta a revelar o motivo daquele estado de angústia permanente. Receando que qualquer interrupção a fizesse mudar de ideias, preferiu remeter-se ao silêncio e aguardar.

— Sei que andas preocupado comigo e acho que chegou o momento de te contar o que aconteceu.

O irmão limitou-se a acenar que sim e ela prosseguiu.

— Eu andava totalmente iludida quanto ao caráter do Zé Maria e ainda bem que acordei a tempo de evitar um compromisso definitivo. Parece quase impossível que uma pessoa que eu conhecia tão bem e em quem eu tanto confiava pudesse comportar-se de forma indigna.

— Vocês foram colegas desde o primeiro ano.

— Fomos e acho que me apaixonei logo por ele.

— E ele por ti. Lembro-me de vos ver juntos cá em casa, sempre a estudar e a deitar um ao outro olhares subtis que não enganavam ninguém.

— Sim, eu sei que ele retribuía.

— E achas que não continua a retribuir?

— Isso não me interessa, o que fez não tem nada a ver com o nosso relacionamento. Eu é que não o quero ver à frente, mas como trabalhamos no mesmo hospital cruzo-me com ele todos os dias.

A declaração, proferida num tom de voz irritado, deixou Mário perplexo. Imaginara que tivesse aparecido outra pessoa na vida de Zé Maria e que, como tantas vezes

acontece, a rutura viesse daí. Pelos vistos a questão era de outra natureza. Manuela respirou para tomar balanço e continuou:

— Há cerca de um mês anunciou-me que o diretor do nosso serviço no hospital o chamara para lhe propor se queria assumir um lugar que ficava vago, porque um dos chefes de equipa ia para o Canadá. Muito satisfeito, explicou que teria mais trabalho e mais responsabilidades, mas que iria ganhar mais. Claro que fiquei feliz e propus que fôssemos jantar com os nossos colegas para comemorarmos em conjunto.

— E então?

— Ele não quis, disse que estava cheio de trabalho, que não tinha tempo para jantares, mas eu decidi organizar tudo sozinha para lhe fazer uma surpresa.

«Aposto que foi outra festa surpresa a dar mau resultado», pensou Mário, limitando-se a perguntar:

— E não correu bem?

— Não chegou a realizar-se porque nenhum dos nossos colegas aceitou o convite.

— Porquê?

— Porque estão todos furiosos com ele. Imagina que arranjou um esquema insidioso para o diretor tomar

de ponta o colega mais antigo, que deveria ocupar o lugar vago e passou-lhe à frente.

- Tens a certeza? Olha que às vezes as pessoas fazem acusações injustas.
- Por isso mesmo tentei esclarecer o assunto. Falei com ele na esperança de que não tivesse sido intencional e que a fúria dos outros não passasse de um equívoco.
- E não era?
- Não! Declarou-me que possuía qualidades de liderança, que o outro não sabia chefiar, que se considerava muito mais preparado para assumir as funções e por isso tinha arranjado uma forma airosa de levar o diretor a chegar a essa conclusão.
- O que fizeste?
- Fiquei consternadíssima! Enervei-me, acusei-o de desonestidade e ele, em vez de se desculpar, chamou-me tansa e ingénua. Depois gritou-me que com este tipo de preconceitos nunca conseguiria ir a lado nenhum — deteve-se um instante e prosseguiu:
— **É um idiota! Nem distingue princípios de preconceitos.** Achas que me posso ligar a um homem assim? Achas?

Mário ficou sem resposta. Abraçou-a para tentar acalmá-la, mas não conseguiu evitar que fosse tomada por um choro quase convulsivo. Logo que os soluços passaram, sugeriu que tentasse ir dormir. E mais uma vez teve a prova de que a irmã era uma pessoa extraordinária, pois em vez de continuar centrada no seu próprio desgosto, mudou de assunto e anunciou que a Joana se tinha disponibilizado para os receber, a ele e ao Manel, para conversarem sobre um concurso de *APPs* lançado pelo setor dos seguros.

- Marcou data?
- Sim. Pede para lá irem amanhã às 10 horas. Não falem porque pode ser uma boa hipótese para os dois.

Capítulo 9



Novas perspetivas

No dia seguinte Mário levou Manel com ele à seguradora para falarem sobre as hipóteses de trabalho com a Joana. Antes de irem ter com ela ao gabinete aproveitou e fez a participação do roubo do carro. Manel não resistiu e perguntou ao funcionário que tratou do assunto.

— Desculpe lá, mas diga-me uma coisa, é possível fazer seguro de uma prancha de surf?

O rapaz sorriu, afável.

— Eu também sou surfista, por isso o teu problema tem a minha simpatia.

— Como é que sabe que tenho um problema?

— É óbvio. A tua rasgou-se! Perdeste-a? Roubaram-ta?

- Roubaram.
- Que seca.
- Pois é.
- São caríssimas, sobretudo para quem anda mal de massas como eu.
- Se quiseres indico-te uma loja que vende pranchas em segunda mão, só que é na Ericeira.
- Não vale a pena. Conheço muito bem essa loja, foi onde comprei a minha, a que me roubaram ontem. Pena que não façam seguros contra roubo.
- Não podemos, porque o risco seria excessivo. Como sabes, as pranchas estragam-se facilmente e são relativamente fáceis de roubar. Basta um minuto de distração e zás, desaparecem.

Manel encolheu os ombros desconsolado. Ia dizer qualquer coisa, mas Joana abriu a porta do gabinete e chamou-os. Alta, magra, de cabelo liso caído sobre os ombros e expressão risonha, uma figura acolhedora.

- Venham, sentem-se.

Instalaram-se à volta da mesa quadrada onde habitualmente recebia clientes e de bom grado aceitaram o café que lhes ofereceu. Através da janela, ampla e de vidros límpidos, viam a fachada de um prédio cor-de-rosa certamente

acabado de restaurar, pois embora de linhas antiquadas não apresentava a mais pequena mazela. Na tira do céu azul que rematava a fachada corriam três nuvens brancas em forma de canudo e esvoaçava um bando de pombos. Na sala, além da mesa e das cadeiras, havia uma secretária e sobre o tampo um computador e vários maços de papéis muito bem arrumados. Ao fundo, uma estante com livros e dossiês dispostos geometricamente, sem um grão de pó. Tudo ali parecia em ordem e transmitia serenidade, o que contribuiu para os acalmar e facilitar a comunicação.

- Bom — disse a Joana, virando-se para o Mário —, a tua irmã já me sensibilizou para as artes deste amigo e informou-me de que nenhum de vocês tem emprego. Vocês sabem que por agora não posso contratar ninguém. Mas chamei-vos porque talvez haja boas perspectivas no setor dos seguros.
- De que género?
- Digital. As seguradoras estão cada vez mais interessadas em oferecer aos seus clientes *APPS* que lhes facilitem a vida de várias maneiras. Já há imensas, mas como sabem vivemos num tempo em que não se pode parar. O que hoje está na crista da onda, amanhã já ficou para trás. É preciso inovar a todo o instante. E



quem tem mais possibilidades de conceber e criar novidades? Quem é novo e criativo, o que pelo vistos é o vosso caso.

— Não — atalhou o Mário. — O criativo aqui não sou eu, é ele.

Apontava o Manel, que esboçou um sorriso de satisfação contida.

— Pois. O responsável por aquela *APP* fantástica para marcar mesas em restaurantes e bares. Eu própria já a usei.



- Usou?
- Sim. E recomendei-a a vários amigos.
- Obrigado.
- Chamei-vos porque vai haver um concurso que propõe a conceção de novas *APPs* que encaixem na atividade seguradora.
- E quem pode concorrer?
- *Startups*.
- Nós não temos nenhuma.

- Juntem-se os dois ou com outros amigos se for preciso, formem uma *startup*, pensem, inventem, arrisquem, concorram e, quem sabe, talvez ganhem. O prémio, aliás, os prémios, porque há vários, são financiamentos para desenvolver projetos interessantes.

Mário e Manel cruzaram um olhar de assentimento. Talvez fosse boa ideia, uma *startup* talvez resolvesse o problema dos dois.

- O que temos de fazer? — perguntou o Mário.
- Para começar, devem ir a um balcão «Empresa na hora» e registar a vossa organização.
- É caro?
- Nem por isso. O registo anda na ordem dos trezentos ou quatrocentos euros. Antes porém informem-se. Há de ser preciso escolher um nome, um projeto, fazer a lista dos potenciais parceiros e assim. Depois arregaçam as mangas, tratem de imaginar *APPs* úteis e apelativas.
- Há imensas. Já vi na internet que existem *APPs* para seguros de saúde, de automóvel, multirriscos, etc., etc.
- Mas podem e devem inventar-se outras mais simples, mais giras, mas fáceis de usar, mais chamativas.

A maneira como falava, incentivaria qualquer um a tentar a sorte, pois parecia acreditar no que lhes propunha.

— Arrisquem — insistiu. — Porque mesmo que não ganhem prémio nenhum, há sempre hipóteses de terem sucesso com as vossas *APPs*.

Não havia muito mais a dizer, mas não lhes apetecia sair daquele gabinete aprazível e silencioso, imune ao ruído infernal da zona bastante movimentada graças às janelas duplas. As cadeiras eram confortáveis, a pessoa que tinham na frente não se mostrava apressada e só usava palavras encorajadoras, sentiam-se à vontade, como se a conhecessem há muito.

Para o bem-estar contribuía também a sensação ilusória de terem deixado os problemas no corredor.

«Este é o ambiente que convém a uma seguradora», pensou Mário, divertido com a descoberta. «Será que têm a noção disso ou resultou assim por acaso?»

Distraía-se, mas desceu rapidamente à terra para se envolver na conversa que Manel alimentava a custo para retardar o momento em que teria de se despedir, sair dali, enfrentar as chatices acumuladas e sobretudo enfrentar-se a si próprio e descobrir até que ponto seria capaz de se lançar num novo projeto, que exigia imenso sem oferecer

garantias. Afinal foi ele, Mário, quem precisou de apoio à saída. A passagem pela seguradora ajudara-o a desanuviar, mas de volta à rua o desconforto invadiu-o e queixou-se.

- Agora fico sem carro.
- O seguro paga-te outro?
- Há de pagar uma indemnização, mas só daqui a dois meses.
- Porquê?
- Porque o meu pode aparecer. Às vezes a polícia encontra os carros roubados.
- A espera faz parte do contrato?
- Claro.
- E não te disponibilizam um carro de substituição?
- Não.
- A um tio meu, que teve um acidente, disponibilizaram. Não ficou apeado enquanto esperava pelo arranjo.
- E sabes porquê? Porque ele aceitou incluir essa cláusula no seguro que fez. Foi prudente.
- Ele é sempre assim e em tudo. Pensa, imagina e procura soluções para nunca ser prejudicado. Às vezes até cansa.

Caminhava arrastando os pés, com ar tão infeliz que Manel entendeu e bem que chegara a hora de se inverterem os papéis e resolveu animá-lo.

- Deixa-te de lamúrias, sim? Dois meses passam depressa e o carro até pode aparecer antes disso.
- Pois pode, mas não me parece.
- Porquê?
- Porque era bom demais.
- Viraste pessimista? Nem pareces tu. Vamos mas é tratar da nossa *startup* para eu me pôr a trabalhar.

Mário não respondeu porque o telemóvel lhe vibrou no bolso a dar sinal de mensagem e quis ver de quem era.

Capítulo 10



Pesquisas

Quando desligou, franziu o nariz.

- Era a Zilda.
- Pena que não fosse a Zínia.
- Não podia ser, porque não tem o meu número.
- Claro, mas é pena.
- Ficaste interessado?
- Nem sei. É gira, tem conversa, deu jeito para passar o tempo enquanto chovia, mas pirou-se de uma maneira que dá para desconfiar. Se calhar anda com alguém e não a torno a ver.
- Vira-te para a Zilda.

- Não posso. Sei que ela me adora há séculos, o problema é que só gosto dela como amiga.
- Zilda e Zínia, qual será a próxima que se atravessa no teu caminho? Zita? Zoe?
- Manel acolheu a brincadeira com bonomia.
- Só variando de letra é que acabo por acertar. Mas olha lá, o que queria a Zilda?
- Saber se vamos ao jantar do Renato.
- Que jantar?
- De anos. Estava combinado.
- Esqueci-me.
- E vais?
- Acho que não.
- Eu vou. E tu vê lá se apareces ao menos para o café.
- Se estiver para aí virado, apareço.
- Até logo, Manel.

*

Passava da meia-noite quando Mário se plantou à porta do amigo e lhe ligou a perguntar se podia subir.

- Podes. Os meus pais saíram, sobe à vontade.

Manel recebeu-o com uma expressão difícil de interpretar, pois tanto podia ser de entusiasmo como de des-norte.

- Está tudo inventado — anunciou num tom de voz igualmente equívoco. — Tudo. Queres ver?

Levou-o para uma sala pequena, onde tinha o computador, a impressora e uma mesa coberta de papéis.

- Senta-te, que ver isto tudo leva tempo.
- Ver o quê?
- As *APPs* que já existem. São tantas que resolvi imprimir as mais interessantes. Olha.

Mário ficou surpreendido com a quantidade e com a variedade.

- É incrível!
- Sentara-se e folheava a papelada, admirado.
- Esta que fornece indicações sobre os melhores itinerários para chegar a um determinado sítio eu já conhecia. Não sabia era que as indicações têm em conta o fator segurança e o estilo de condução de cada pessoa.
 - É fantástico. E esta aqui, já viste? Tinha dado jeito porque fica ligada a um aparelho instalado no carro e em caso de roubo permite acionar o alarme.
 - Assim que tiver outra vez carro, vou instalá-la.
 - Eu já a instalei. E não me sai da cabeça a hipótese de inventar uma *APP* que desse o mesmo tipo de alarme

para roubo de pranchas de surf, mas não é possível porque não têm nada que as singularize.

— Deixa-te de derrotismos, sim? Vamos reunir ideias, fazer um *brainstorm*, procurar soluções por mais extravagantes que nos pareçam ou por mais básicas que sejam. Depois logo se vê o que resulta. Agora se decides à partida que não vale a pena, nada feito.

— Tens razão.

— Deixa cá ver mais.

Uma *APP* saltou aos olhos do Mário e fê-lo sorrir.

— Esta é de molde a provocar conflitos familiares.

— Qual?

— A que permite aos pais saber como é que os filhos conduzem.

— Em certos casos, deve ser útil, há tipos desvairados ao volante. Cá por mim, sou sensato.

«Sensato a conduzir», pensou o Mário, mas não disse.

A consulta das *APPs* prolongou-se pela noite dentro, algumas suscitavam comentários, mas a pesquisa acabou por ajudá-los a traçar planos. Vagos, muito vagos, ainda assim planos.

— Se nos concentrarmos na criação de *APPs* que possam interessar às seguradoras, talvez nos comprem



algumas mesmo que a nossa *startup* não ganhe prémio nenhum.

- É verdade. Trataste do registo?
- Não tratei porque me faltavam os elementos necessários.
- E também nos falta um nome.
- Pois é. Tiveste alguma ideia?
- Não.
- Nem eu. Se pedíssemos sugestões aos amigos?
- Estás a pensar em alguém?
- Até estou. Na Guida, que é supercriativa, e na Zínia, que é muito despachada.

Manel lançou-lhe um olhar inquisidor e esteve vai não vai para lhe perguntar se alguma delas lhe interessava, mas substituiu essa pergunta por outra.

- Se eu criasse uma *APP* para a pessoa saber ao certo por quem é que está apaixonado achas que funcionava?
- Bem!... Melhor ainda se incluísse indicações que permitissem saber com quem é que valeria a pena ir em frente.

Riram os dois, Manel acrescentou:

- O mais certo era a pessoa fazer exatamente o contrário do que a *APP* lhe aconselhava.

- Exato. Tu, por exemplo, escolherias a Zínia, não?
- Provavelmente. E tu? Guida? Ou Madalena?
- Se queres que te diga a verdade, não sei. Acho graça às duas, nenhuma me interessa o suficiente para avançar. E, no entanto, quando estou com elas, demoro bastante a tirá-las da cabeça.
- Quer dizer que foram ao jantar do Renato.
- Foram. Jantei na frente da Guida e ao lado da Madalena, foi giríssimo. E havias de ver o cartão de parabéns que a Guida fez para o Renato. Toda a gente adorou. Ela vai ter futuro como estilista.
- E a outra?
- Não sei, mas estou convencido de que pode escolher o que quiser. Inteligente, rápida, confiante, culta, dava uma boa jornalista, *pivot* de televisão, estás a ver? Ou então chefe de uma equipa de marketing, porque parece sempre capaz de dizer o que as pessoas querem ouvir. Animou imenso a malta hoje à noite.
- Mas o jantar acabou cedo, não?
- Acabou, porque havia vários com vontade de ir dançar.
- E tu não foste para me fazer companhia.
- *Not exactly*. Tinha a certeza de que estavas às voltas com as APPs e quis ver se havia novidades.



- A Zilda foi com o grupo?
- Foi. E já agora ficas a saber que o Renato parece apostado em consolá-la do teu desinteresse.
- O Renato?
- Sim.

A notícia, que era suposto aliviá-lo, pareceu perturbá-lo, mas disfarçou.

- E as tuas?
- Devem estar na pista de dança.

Como às vezes acontece, ninguém sabe se por transmissão de pensamentos ou se por pura coincidência, o telemóvel do Mário tocou e do lado de lá soaram à vez duas vozes femininas.

- Sempre estás com o Manel? — perguntou uma.
- Podemos ir ter com vocês? — perguntou a outra. — É que isto aqui ficou uma seca.

Mário tinha posto a chamada em alta voz, Manel aceitou que sim.

- Elas que venham. Talvez nos inspirem.

Capítulo 11



Planos para o futuro

A entrada das duas raparigas equivaleu a uma lufada de ar fresco. Manel não convivera muito com elas, mas ficara grato à Madalena por lhe ter salvo a face quando tivera a infeliz ideia de organizar uma festa surpresa para a mais neurótica das suas amigas. Depois vira-a uma vez ou outra com o Mário, quando ele aparecia no piso menos dois do centro comercial para saber se os preparativos para a abertura do Música ao Minuto marchavam a bom ritmo. Também fora assim que vira Guida, sempre de passagem, a correr. No entanto, à conta das confidências do amigo, ficara com a sensação de que as conhecia. E ambas tinham estado na festa de inauguração do bar que em má hora arriscara abrir.

Recebê-las ali em casa seria embaraçoso se as associasse ao seu sonho desfeito, mas sempre conseguira abstrair-se do que o incomodava, o «Música ao Minuto» era passado e as *APPs* faziam parte do presente e talvez do futuro. Elas eram bonitas, alegres e simpáticas, dispôs-se a usufruir da boa companhia. Aliás, ótima companhia, pois entusiasmaram-se com o projeto da *startup* e das hipotéticas *APPs* que tentava inventar.

— Realmente já há imensas. Olha esta aqui, Guida.

Debruçaram-se ambas sobre a folha em que Manel imprimira indicações sobre seguros multirrisco destinados a habitações.

— O meu pai é supercauteloso, sobretudo desde que herdou a quinta dos meus avós porque a casa está recheada de móveis antigos, quadros valiosos, painéis de azulejos antiquíssimos. Fez um seguro, mas aposto que não tem esta aplicação.

— Que serve para quê? — perguntou o Mário.

— Para inventariar tudo o que o cliente possui. Armazena *online* fotografias de todos os compartimentos, de modo a inventariar todas as peças de valor. Assim, em caso de assalto, fica-se a saber exatamente o que falta, o que foi roubado.

- Fantástico.
- Amanhã vou mostrar ao meu pai. Aposto que fica encantado e que quer logo instalar.
- Em que sites é que encontraste estas *APPs*?
- Em vários. Tenho aqui uma lista enorme.
- Incrível!
- E vocês ainda não viram tudo. Há aqui uma *APP* espetacular para quem tem quintas, explorações agrícolas ou outras coisas do género. Fornece informações sobre a probabilidade de haver incêndios na zona, estão a ver? Probabilidade! Ainda não aconteceu e já está a alertar.
- E com que base?
- Parâmetros meteorológicos.
- Tipo temperatura do ar, vento e assim?
- Exato. E também alerta para a aproximação de ventos ciclónicos.
- Parece que vais ter de puxar pela cabeça, Manel, porque se não está tudo inventado, deve estar quase tudo.
- Nunca está, Madalena. Há sempre outras hipóteses, coisas de que ninguém se lembrou ou que podem ser melhoradas.
- Lá isso é verdade.

Manel sentara-se à cabeceira da mesa e olhava-os, pensativo. Os outros aperceberam-se e chamaram-no.

— Então? Adormeceste?

— Ou partiste para a sétima esfera celeste?

Ele abanou a cabeça como se quisesse libertar-se de algo preso aos cabelos.

— Estava a magicar hipóteses. Eu e o Mário resolvemos participar num concurso que financia as *startup* que apresentem os melhores projetos. A concorrência deve ser grande, se calhar não ganhamos nada...

— Não me digas que queres desistir.

— Não. Parece-me é que convém realmente apostar em *APPs* que interessem às seguradoras, porque, como tu disseste, pode ser que, mesmo sem prémio, se interessem pelas nossas invenções.

— Tuas. Eu não sou capaz de inventar nada.

— Dás apoio. Sugestões.

— E nós também.

Manel passou-lhe para a mão vários papéis.

— Tens aí uma ótima para clientes de seguradoras, pois nem precisam de lá ir. Recebem todas as informações no telemóvel. E para fazer um contrato bastam uns quantos cliques no ecrã e pronto, já está.

Guida observava atentamente o papel que tinha na mão sem nada dizer, Madalena comentou uma outra *APP*.

- Esta parece ter sido imaginada para a minha mãe, que anda sempre a correr de um lado para o outro.
- E então?
- Então, oferece mapas com a localização de todas as agências de uma seguradora, envia alertas para lembrar ao cliente das datas em que é preciso fazer os pagamentos de renovação das apólices, pagamentos que, claro, podem ser feitos *online*. É engraçado como duas realidades tão distantes no tempo encaixam de maravilha.
- Que novidades?
- Os seguros e as novas tecnologias.
- Os seguros são assim tão antigos?
- Que pergunta, Manel! Não te lembras que já no tempo de D. Dinis havia uma seguradora?
- Francamente, não. Estás a delirar?
- Nada disso. A Companhia das Naus obedecia ao mesmo princípio que qualquer seguradora atual. Todos os comerciantes que transportavam mercadorias de barco pagavam um tanto para a companhia poder valer aos que sofriam naufrágios ou ataques de piratas. Não deste essa matéria?

- Devo ter dado, mas esqueci. Nunca gostei muito de História.
- Eu adorava. Era a minha disciplina preferida. E até fazia consultas extra. Lá em casa incentivavam-me. Sabem que o primeiro tratado sobre o seguro marítimo foi escrito no século dezasseis por um português chamado Pedro de Santarém?
- Nunca tal ouvi.
- Mas tem piada. Ele escreveu em latim *Tractatus de Asseruationibus et Sponsonibus Mercatorum*, que significa Tratado dos Seguros e das Responsabilidades dos Mercadores. Foi traduzido em várias línguas.
- Não sabia que tínhamos *bestsellers* tão antigos.
- Porque não sabes História.
- O Mário já me tinha dito que és muito culta. Receando ser indelicado com a Guida virou-se para ela.
- E que tu és uma artista.
- Pois eu preferi sempre as artes — disse a Guida. — Por isso é que sou estilista. E se vocês quiserem posso dar-vos uma mãozinha.
- A fazer o quê?
- A desenhar os logótipos, por exemplo. Ou a modernizar a estética de algumas destas APPs que me parecem

- antiquadas. Em vez de inventares tudo de novo, podes aproveitar algumas ideias, acrescentar-lhes itens e eu colaboro a imaginar uma apresentação sugestiva.
- Isso era ótimo. Não temos é grandes verbas para te pagar.
 - Quem falou em dinheiro? Posso é tornar-me sócia. Querem uma sócia para a vossa *startup*? Mário e Manel acenaram que sim.
 - E duas? — perguntou Madalena. — Se quiserem eu também adiro.
 - Excelente. Passamos a ser quatro. Dividimos o risco e multiplicamos as hipóteses de bom sucesso, porque quatro cérebros pensam melhor do que dois.
 - A primeira coisa a discutir é o nome. Que nome temos de escolher para a *startup* que vou registar amanhã?
 - Hum... Talvez *Oplá*.
 - Nem pensar, Madalena.
 - E *Fastfinger*?
 - Esse acho que já existe.
 - Vejam lá se gostam de APP R/E/I: Rápida/Eficiente/Imaginativa.
 - Não é mau.





- Mas com calma, escolhemos um ainda melhor.
- Está bem.

Manel voltou ao assunto.

- Há aí uma *APP* para o ramo de seguro automóvel que podia ser melhorada. Já permite que em caso de acidente a pessoa entre em contacto imediato com a seguradora e envie fotografias ou vídeos que possibilitem a peritagem à distância.
- Como é que a melhoravas? Acrescentando dados para identificar o responsável no mesmo minuto e sem margem para dúvidas?
- Quem me dera, mas não creio que seja possível. Estava a pensar era em acrescentar um pequeno pormenor importantíssimo que não tem a ver com acidentes e sim com roubo. Roubo e não só.
- Explica-te.
- Explico. Se fosse possível criar uma *APP* para telemóvel associada a um dispositivo que indicasse onde está o carro, a maior parte dos roubos ficava sem efeito, porque o dono sabia para onde lho tinham levado e ia lá buscá-lo.
- Ou avisava a polícia, caso fosse um lugar pouco recomendável.

- Essa *APP* tinha êxito garantido.
- Podes crer.
- O entusiasmo crescia e a noite avançava, mas nenhum deles se dispunha a dar por findo o encontro. Clareava, quando discutiram uma *APP* que algumas seguradoras disponibilizam aos clientes com sugestões para condução responsável e económica, oferecendo bónus de recompensa a quem seguir as ditas sugestões durante um certo período de tempo.
- Podíamos nós sugerir novos tipos de recompensa adequados a malta nova, com carta há pouco tempo.
- Boa. Eu bem dizia que vocês nos podiam inspirar.
- Por falar em inspiração, lembrei-me agora mesmo de um nome para a *startup* que vocês talvez gostem.
- Diz.
- *AaZAPPs*.
- Boa, Guida. Soa bem, por mim, pode ficar.

Já tinha nascido o sol quando Mário, Guida e Madalena se foram embora. Manel acompanhou-os à porta, despediu-se e voltou para a sala. Fechou o computador e arrumou os papéis, sem perceber por que motivo aquele serão tão positivo e encorajador lhe deixara um grãozinho de desconforto ou mesmo de inquietude. Antes de se deitar tomou um

duche. Depois foi à cozinha e devorou as três empadas que tinham sobrado da última refeição, convencido de que atingira o bem-estar absoluto por ter saciado a fome. O que não aconteceu. Só quando já estendido na cama e de luz apagada, relaxou os músculos, tomou consciência plena do mal que o atormentava: Zilda saíra com Renato. Renato queria consolar Zilda do seu eterno desgosto de amor. E tinha todo o direito de o fazer, posto que lhe dissera e voltara a dizer que não estava interessado, que só gostava dela como amiga, talvez até como irmã. Que seria um alívio se ela se interessasse por outra pessoa. Afinal não era bem assim. Ver-se de súbito privado daquela adoração silenciosa, incomodava-o. O amor intenso, sofrido e sem esperança de Zilda, por estranho que lhe parecesse e parecia, fazia-lhe falta. Vê-la com outro seria horrível.

— Porquê? Mas porquê? Que estupidez — repetiu uma e outra vez na ânsia de se convencer. — Nunca gostei dela senão como irmã. Ou gostei e não percebi?

Uma ideia tonta atravessou-lhe o espírito.

— Vou inventar uma *APP* para esclarecer mentes. Sobre-tudo mentes confusas. Mentes de idiotas, como eu.

Fechou os olhos para rever com total nitidez a figura de Zilda sempre presente, sempre discreta, a mendigar

atenção, a contentar-se com nada. Bonita. Terna. Suave. Boa companheira. Disponível e doce. Seria possível recuperá-la ou àquela hora já a perdera para sempre?

— Agora, se tentar dar-lhe o que ela sempre quis, perco um amigo de longa data. Sou um imbecil. Ou uma vítima das emoções que só dão complicações. Se alguém inventasse *APPs* para desembrulhar estas trapalhadas sentimentais, ficava milionário. Porque não devo ser só eu a precisar de clarificar a mente e os sentimentos.

Apesar da inquietante descoberta, acabou por adormecer. Livre de sonhos e de pesadelos por algumas horas, dormiu bem.

VIVEMOS NA ERA DIGITAL

O século XXI pode ser designado por «era digital» na medida em que a comunicação e a realização de atividades através da internet tem ganho terreno e cada vez mais ocupam uma boa parte do tempo das pessoas.

Numa primeira fase, o recurso às tecnologias digitais envolvia apenas técnicas e especialistas, mas em pouco tempo generalizou-se e hoje em dia só uma minoria se mantém alheada das potencialidades que são oferecidas pelas redes sociais, e pelos sites e plataformas que disponibilizam os mais variados tipos de informações em textos, fotografias, vídeos, etc.

Atualmente pessoas de todas as idades e em todo o mundo conversam, trocam mensagens, enviam fotografias, notícias, documentos através da internet, ou consultam catálogos, fazem compras, pagamentos e outras operações bancárias sem sair do sítio onde estão graças à atmosfera digital que o permite. Muitas são também as tarefas profissionais que hoje em dia se podem executar recorrendo aos meios digitais. O que está a revolucionar o mundo do trabalho, pois verificou-se que é possível desempenhar funções sem sair de casa, o que levará certamente as organizações a repensarem o espaço de que necessitam para os seus funcionários.

Num futuro próximo poderá haver por exemplo empresas com três pequenas salas para os seus trezentos colaboradores, porque a maior parte não precisa de estar presente no dia a dia. Aliás, há já muitas empresas com funcionários que trabalham a partir da sua residência, que pode situar-se em diferentes países ou mesmo continentes, não havendo problema nenhum em reunirem para debaterem assuntos em tempo real graças às plataformas digitais que acolhem centenas de participantes em simultâneo.

No entanto, certas atividades ainda exigem a presença física: agricultura, criação de gado, indústria, distribuição de produtos, construção civil, transportes, restauração, embora a existência de robôs comandados à distância tenha vindo a introduzir alterações até nestas atividades. Quanto às áreas de saúde e educação podem conjugar-se modalidades de comunicação presencial e digital, mas não em todos os domínios. Um médico pode dar certo tipo de consultas pela internet, mas não pode realizar cirurgias à distância.

Um professor pode dar aulas pela internet, mas sem o encontro de professores com os seus alunos e dos alunos entre si, a aprendizagem não se efetua com a mesma profundidade e perde-se a socialização.

Em todo o caso, os recursos digitais abriram e continuam a abrir novos horizontes, o que é particularmente visível na área da investigação científica, os computadores ampliam exponencialmente as competências humanas, permitem realizar experiências, fazer cálculos, definir hipóteses e obter dados e resultados a um ritmo vertiginoso e permitem também que se estabeleçam redes de comunicação e partilha de informação entre equipas de cientistas que se encontram espalhadas pelas várias partes do mundo sem que seja necessário deslocarem-se para trabalharem de forma articulada. Infelizmente o acesso aos recursos digitais ainda não é universal nem gratuito.

Há regiões do mundo onde a internet chega com dificuldade e grupos que não têm possibilidades financeiras para adquirirem os equipamentos necessários e as assinaturas que permitam obter o serviço.

A igualdade no acesso à internet deve ser encarada como uma prioridade.

O telemóvel de tipo *smartphone* é o instrumento mais utilizado para aceder à internet. E como o número de pessoas que possui *smartphones* está em constante crescimento, foram surgindo aplicações (*APPs*) para tornar mais prático e rápido tudo o que se pode fazer através da internet.

Atualmente existem *APPS* destinadas à resolução *online* de questões tão diversas como:

- Organizar viagens de prazer ou negócios, comparando preços de voos, preços do aluguer de carros, de hotéis, de restaurantes. Obter informações, para realizar visitas a locais históricos, sobre espetáculos e outros eventos culturais, bem como para compra de bilhetes.
- Consultar catálogos *online* que apresentam para venda produtos tão diversos como alimentos, vestuário, sapatos, livros, CDs, jogos, aparelhos eletrónicos, móveis, objetos de decoração, obras de arte, etc.
- Encontrar livros gratuitos na internet, que podem ser descarregados e lidos num *tablet*, *smartphone* ou computador.
- Encomendar e fazer pagamentos *online* de produtos que depois são entregues na morada do cliente pelo correio ou por empresas de transporte.
- Visualizar locais e espaços próximos e distantes, interiores e exteriores, em todo o mundo.
- Controlar e registar a atividade física pessoal (*fitness*) de modo a associar a prática desportiva a indicadores de saúde e bem-estar, que incluem, por exemplo,

o peso, a medição dos quilómetros percorridos, a perda de calorias resultante da prática de desporto.

- Realizar consultas médicas *online*.
- Efetuar despistagem de problemas de saúde, por exemplo detetar indícios de doenças de pele com fotografias, que podem ser enviados ao médico através da internet.
- Realizar variadas operações bancárias, como consultar as suas contas, fazer pagamentos, transferências, movimentos de cartões ou investimentos, sem precisar de se deslocar ao banco, a partir de qualquer parte do mundo.

O SEGURO NA ERA DIGITAL

A humanidade sempre teve consciência de que o futuro é imprevisível e de que a cada passo se podem correr riscos inesperados. Mas a par, sempre soube também, que é indispensável correr riscos para progredir. Por isso, ao longo da História, se foram inventando estratégias de entreatajuda que permitissem compensar as vítimas de ocorrências nefastas. Em Portugal, por exemplo, o rei D. Dinis, no ano 1293, confirmou uma Bolsa de Mercadores que tinha sido criada por um grupo de proprietários de navios do Porto que comerciavam com o Norte da Europa. A esta bolsa presidiu o mesmo espírito que

viria a dar origem aos Seguros, pois cada armador contribuía com uma determinada quantia para a bolsa, que se destinava a compensar prejuízos dos que sofressem naufrágios, ataques de piratas, roubos, perda de carga. Ou seja, o grupo, no seu conjunto, protegia quem viesse a precisar de proteção.

Mais tarde, no reinado de D. João III, em 1552, um português chamado Pedro de Santarém escreveu o primeiro tratado de seguros do mundo. Este tratado, escrito em latim, com o título *Tratado dos Seguros e das Responsabilidades dos Mercadores* foi traduzido para várias línguas e serviu de base aos seguros feitos em muitos países.

Hoje em dia os Seguros são indispensáveis à maioria das atividades. Há muitos tipos de Seguros destinados a indivíduos e a organizações, como por exemplo o seguro automóvel, o seguro multirriscos, o seguro de vida, o seguro de saúde, o seguro de viagem, o seguro de acidentes pessoais, o seguro para proteger animais, etc.

Alguns, como o seguro automóvel, são obrigatórios. Outros, como o seguro de saúde, dependem da decisão de cada um.

Na nossa época, a vida das pessoas adquiriu um ritmo acelerado para o qual muito tem contribuído a comunicação por via digital que se pode realizar a toda a hora com recurso a telemóveis e *tablets*.

As seguradoras integraram prontamente os recursos digitais em todas as dimensões da sua atividade. Para tornar mais simples, mais fácil e amigável a comunicação com os clientes por via digital, têm vindo a integrar *APPs* com diversas funcionalidades.

VANTAGENS DAS *APPs* PARA OS CLIENTES DE SEGUROS

Quando alguém pretende contactar uma seguradora, se tiver que se deslocar pessoalmente a uma agência precisa de tempo para o fazer, tem de respeitar o horário de atendimento ao público e sujeita-se à disponibilidade dos funcionários que podem estar ocupados a atender outros clientes. Se em vez de se dirigir a um balcão da agência o cliente recorrer ao computador para consultar as informações disponíveis num site, ganha tempo e evita os inconvenientes da deslocação. Mas se recorrer a uma *APP* que instale no seu telemóvel ou no seu *tablet* tudo se torna ainda mais fácil e mais rápido.

No setor do seguro existem hoje *APPs* que disponibilizam:

- Informação sobre vários tipos de seguros que a seguradora propõe;

- Informação sobre contratação, pagamentos, alteração de contratos, descontos e promoções, que o cliente poderá aproveitar se assim o entender.
- Aconselhamento sobre formas de prevenção, nomeadamente proteção de bens e de atividade.
- Contratos de seguros que podem ser feitos na hora através de simples cliques no ecrã.
- Informações detalhadas sobre todos os seguros que o cliente tenha na seguradora.
- Alertas para lembrar ao cliente as datas em que os seguros expiram e devem ser feitos os pagamentos para renovação, pagamentos que podem ser feitos *online*.
- Mapas com a localização de todos os balcões da seguradora, acompanhados por informação sobre horários de funcionamento e lista de serviços prestados.
- Informações sobre as ações que o cliente deve executar em caso de acidente ou de qualquer problema que a seguradora possa ajudar a resolver.
- Apoio em caso de ocorrência de sinistro, muitas vezes em tempo real;
- Regularização do sinistro com envio de informação, incluindo fotografias, submissão de despesas, por exemplo de atos médicos.

Para além destas vantagens comuns a todos os tipos de seguros, as *APPs* também podem oferecer benefícios para diferentes tipos de seguros.

AS APPS E O SEGURO AUTOMÓVEL

Há *APPs* que disponibilizam todo o tipo de informação sobre o segurado e sobre o veículo, o que pode ser útil em diversas circunstâncias:

- Permitem que em caso de acidente o segurado entre em contacto imediato com a seguradora e a sua localização fique identificada, em tempo real, o que possibilita, por exemplo, que um reboque chegue mais depressa e encontre o carro mesmo em locais isolados.
- Permite que o segurado faça a participação com os elementos de identificação pré-preenchidos e envie fotografias ou vídeos, que possibilitam a realização de peritagem à distância.
- Permitem fazer vistorias digitais, ou seja, efetuar uma avaliação à distância do estado do veículo, evitando assim a deslocação a centros de reparação.
- Fornecem ao cliente sugestões para condução responsável e económica, avaliam o tipo de condução

e oferecem bônus de recompensa a quem guiar em segurança durante um determinado período de tempo.

- Fornecem indicações sobre os melhores itinerários para alcançar o destino, tendo em conta o fator segurança e o estilo de condução.
- Proporcionam ligação a um dispositivo que faz soar o alarme se o veículo for roubado.

AS APPS E O SEGURO MULTIRRISCO

Os seguros multirrisco destinam-se a proteger os bens das pessoas ou das organizações. Por exemplo prédios, casas, apartamentos, móveis, obras de arte, joias, etc.

As APPs associadas a seguro multirrisco permitem:

- Armazenar *online* fotografias de todos os compartimentos de uma casa.
- Inventariar todas as peças que o cliente possui e pretende discriminar para o caso de dano ou perda.
- Instalar em casa um sensor de movimento, que deteta intromissões alheias à normal circulação de pessoas ou animais de estimação.
- Fornecer informações sobre a probabilidade de ocorrência de incêndios decorrentes dos quatro

parâmetros meteorológicos mais importantes:
temperatura do ar a dois metros do solo; humidade
relativa; velocidade do vento a dez metros do solo;
precipitação acumulada em vinte e quatro horas.

- Fornecer informações sobre a aproximação de ventos ciclónicos, risco de inundações ou de outras catástrofes naturais.
- Realizar vistorias digitais recorrendo a vídeos ou fotografias para em caso de sinistro se poder avaliar a dimensão dos danos.
- Filmar a casa e, recorrendo a modelos de inteligência artificial, avaliar tanto o exterior como o seu recheio. O vídeo serve, assim, de suporte ao processo de subscrição do contrato de seguro.

AS APPS E O SEGURO DE ACIDENTES PESSOAIS

Na área do seguro de acidentes pessoais existem *APPs* que permitem avaliar os riscos de acidentes de trabalho, o que é útil tanto para os evitar como para determinar possíveis causas. À semelhança do seguro automóvel, há *APPs* para pedir auxílio automático, com ligação direta a dados de georreferenciação que identificam imediatamente a localização do sinistrado.

AS APPS E O SEGURO DE SAÚDE

Existem também vários tipos de *APPs* destinadas a apoiar o seguro de saúde e oferecem muitas vantagens:

- Organizar um registo pessoal de saúde que inclua exames médicos, análises, diagnósticos anteriores, medicamentos, etc., contratar um plano de saúde individual ou familiar.
- Proporcionar informações sobre sintomas e indícios de possíveis doenças cuja identificação precoce pode ser essencial para evitar a progressão ou o agravamento.
- Proporcionar também a localização de serviços de saúde e de médicos a que o cliente pode recorrer.
- Armazenar informações referentes ao estado geral de saúde, o que incluiu peso, massa muscular, hidratação, alimentação, frequência cardíaca, horas de sono.
- Registrar os progressos do cliente em diferentes práticas desportivas, como por exemplo marcha ou corrida.
- Apoiar a prevenção da doença através de monitorização do bem-estar físico e mental, ajudando a criar melhores rotinas diárias.
- Proporcionar serviços de medicina *online*, que incluem consultas médicas à distância.

AS APPS E O SEGURO DE VIAGEM

Há *APPs* que permitem efetuar planos de seguros para diferentes tipos de viajantes, sejam individuais ou de grupo, de recreio ou de trabalho, e para vários tipos de percurso. Podem incluir: recomendações práticas para viagens, com dicas sobre o destino; apoio gratuito ao viajante; acesso a consultas remotas ao viajante com apoio médico em várias línguas; alertas de segurança enviados para o telemóvel; coberturas para cancelamento de viagens.

AS APPS E O SEGURO PARA ANIMAIS DOMÉSTICOS

Há *APPs* específicas para os donos de animais domésticos efetuarem registo do animal, com toda a informação base sobre o mesmo, bem como planos de vacinação e desparasitação. Com essas *APPs* podem fazer-se participações ao seguro em caso de doença, de ataques de outros animais ou de desaparecimento do animal de estimação.

CONCURSOS DE INOVAÇÃO NA ÁREA DA PRODUÇÃO DE APPS

Numa época em que a inovação é constante, em todas as áreas e em particular nas que utilizam suportes digitais, nada mais natural do que tenham surgido desafios à criatividade. Neste sentido, grupos de seguradoras lançaram

concursos destinados a premiar *startups* (organizações emergentes) para premiar e incentivar as que se dediquem à produção de *APPs* adequadas às várias dimensões da atividade seguradora.

Ter vários talentos nem sempre facilita a escolha de um caminho profissional seguro. Nesta história, como na vida, a reflexão e o apoio dos amigos fazem a diferença.

